

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

**DISSERTAÇÃO**

**PROCESSOS COGNITIVOS NA COMPREENSÃO DO GÊNERO  
CRÔNICA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ATRAVÉS DOS DÊITICOS**

FERNANDA GONÇALVES DE LAIA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

**PROCESSOS COGNITIVOS NA COMPREENSÃO DO GÊNERO  
CRÔNICA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ATRAVÉS DOS DÊITICOS**

FERNANDA GONÇALVES DE LAIA

*Sob a Orientação da Professora*  
**Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Curso Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ

2018

L185p

Laia, Fernanda Gonçalves de, 1980-

Processos cognitivos na compreensão do gênero crônica: relações de significado através dos dêiticos / Fernanda Gonçalves de Laia. - 2018.  
171 f. : il.

Orientadora: Maria do Rosário da Silva Roxo.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras, 2018.

1. Cognição. 2. Crônica. 3. Dêixis. 4. Metacognição. 5. Leitura. I. Roxo, Maria do Rosário da Silva, 1961, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrado Profissional em Letras III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM**  
**LETRAS - PROFLETRAS**

**FERNANDA GONÇALVES DE LAIA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de Concentração Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 07 / 02 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo (UFRRJ)  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Victoria Wilson da Costa Coelho (UERJ/FFP)  
Avaliador externo

---

Prof. Dr. Wagner Alexandre Dos Santos Costa (UFRRJ)  
Avaliador interno

Seropédica, RJ

2018



*Ao meu esposo Fabrício Fonseca pelo  
companheirismo, carinho e amor.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Francisca, por ser minha inspiração e por todo o incentivo ao constante aprendizado.

Ao meu pai, Marciano (*in memoriam*), por todo carinho dedicado.

Ao meu irmão, Marcelo, por sua bondade e solidariedade.

À minha querida orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo, pela disponibilidade, simpatia, paciência e pelas valorosas e sábias orientações.

À professora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Victoria Wilson da Costa Coelho e ao Prof. Dr. Wagner Alexandre Dos Santos Costa, pelo olhar crítico e pelas contribuições oferecidas por ocasião do Exame de Qualificação.

A todos os professores e mestrandos da terceira turma do Profletras, em especial às amigas e mestrandas Andreia Feitoza, Claudia Almeida, Fabiane Moura e Juliana Behrends, pelas trocas, pelos incentivos e, sobretudo, pelas mensagens compartilhadas.

Ao nosso secretário, Victor Teixeira, pela gentileza.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa.

Aos meus alunos da turma 902, pela participação nesta pesquisa.

Aos meus colegas do CIEP 320 Ercília Antônia da Silva, pelo apoio e incentivo.

À direção, à coordenação e aos professores e secretários do CIEP 032 Cora Coralina, pela ajuda e compreensão.

Aos meus filhos felinos, Gabi, Mel, Linus, Frida e Pérola, pela companhia nas madrugadas de estudo.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, estiveram ao meu lado, torcendo por mim, tornando este caminho mais leve.

*Quando tudo que pensamos, falamos e fazemos depende do trabalho da nossa mente corporificada, a ciência cognitiva é uma das nossas fontes mais profundas para o autoconhecimento.*

(George Lakoff e Mark Johnson)

## RESUMO

LAIA, Fernanda Gonçalves de. **Processos cognitivos na compreensão do gênero crônica: relações de significado através dos dêiticos**. 2018. 171p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Ler e compreender são competências fundamentais na formação do indivíduo. Nesse sentido, esta pesquisa de dissertação tem por objetivo analisar os processos cognitivos realizados pelo leitor, tendo a dêixis como mecanismo linguístico na correspondência entre personagem, espaço e tempo no gênero crônica. O foco de análise são as relações de significado através dos elementos dêiticos realizadas pelos alunos. Para o desenvolvimento deste trabalho, estamos apoiados nos estudos de Cognição e do Ensino, tendo como referencial teórico os estudos sobre níveis de leitura propostos por Applegate *et al* (2002). Como metodologia, nossa pesquisa baseia-se em uma análise de natureza qualitativa, na qual desenvolvemos uma proposta com atividades elaboradas nos níveis de leitura propostos por Applegate *et al* (2002) para verificar a complexidade dos processos cognitivos dos alunos de uma turma de 9º em uma escola pública estadual do Rio de Janeiro. Os dados da análise realizada revelam a necessidade de atividades que incentivem o desenvolvimento de níveis de leitura levem que o aluno a refletir sobre o próprio aprendizado e enfatizam a importância do trabalho com atividades de alto nível inferencial

Palavras-chave: Cognição. Crônica. Dêixis. Leitura. Metacognição.

## ABSTRACT

LAIA, Fernanda Gonçalves de. **Cognitive processes in the understanding of the chronic genre: relations of meaning through the deictics.** 2018. 171p. Dissertation (Professional Master of Letters – PROFLETRAS). Institute of Human and Social Sciences, Department of Letters and Communication, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropedica, RJ, 2018.

Reading and understanding are fundamental skills in the formation of the individual. In this sense, this dissertation research aims to analyze the cognitive processes performed by the reader, having the deixis as a linguistic mechanism in the correspondence between character, space and time in the chronic genre. The focus of analysis are the relations of meaning through the deictics elements carried out by the students. For the development of this work, we are supported in the studies of Cognition and Teaching, having as theoretical reference the studies on reading levels proposed by Applegate *et al* (2002). As a methodology, our research is based on a qualitative analysis, in which we develop a proposal with activities elaborated at the reading levels proposed by Applegate *et al* (2002) to verify the complexity of the cognitive processes of the students of a 9<sup>th</sup> grade class public institution of Rio de Janeiro. The data from the analysis reveal the need for activities that encourage the development of reading levels that lead students to reflect on their own learning and emphasize the importance of working with activities of high inferential level.

Keywords: Cognition. Chronic. Deixis. Reading. Metacognition.

## LISTA DE IMAGEM

<b>Imagem 1</b> - Modelo de metacognição de Flavell (1979, 1987).....	24
<b>Imagem 2</b> - Modelo de metacognição de Nelson e Narens .....	25
<b>Imagem 3</b> - Imagem baseada nas associações feitas na atividade pré-textual, realizada na primeira oficina.....	74
<b>Imagem 4</b> - Imagem baseada nas associações feitas na atividade pré-textual, realizada na primeira oficina 2.....	77

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Profissão/Ocupação do pai.....	43
<b>Gráfico 2</b> – Profissão/Ocupação da mãe .....	43
<b>Gráfico 3</b> – Gosto pela leitura .....	44
<b>Gráfico 4</b> – Incentivo à leitura em casa.....	44
<b>Gráfico 5</b> – Incentivo à leitura na escola.....	45
<b>Gráfico 6</b> – Opinião sobre as leituras recomendadas pela escola.....	46
<b>Gráfico 7</b> – Frequência na biblioteca da escola.....	46

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Oficina 1 .....	49
<b>Quadro 2</b> – Estrutura e Elementos da Narrativa .....	51
<b>Quadro 3</b> – Ativação de conhecimento prévio.....	52
<b>Quadro 4</b> – Oficina 2 .....	56
<b>Quadro 5</b> – Oficina 3 .....	63
<b>Quadro 6</b> – Elementos dêiticos .....	64
<b>Quadro 7</b> – O Gênero Crônica .....	76



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. ESTUDO DA DÊIXIS</b> .....	16
1.1 Tipos de dêixis.....	17
1.2. Centro dêítico .....	20
1.3 Centros dêíticos na composição da narração .....	21
<b>2. METACOGNIÇÃO NO ENSINO DE LEITURA</b> .....	23
2.1. Estratégias metacognitivas .....	27
2. 2 Modelos cognitivos idealizados .....	29
<b>3. GÊNEROS E SUAS APLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	32
3.1 Gênero crônica.....	32
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	38
4.1. Contexto de aplicação.....	40
4.2. Lugar e sujeitos pesquisados .....	41
4.3 Critérios para a escolha dos participantes.....	47
4.4 Critérios para a composição do corpus da análise.....	
4.5. Proposta de aplicação de atividade .....	48
OFICINA 1 .....	49
Apresentação da oficina 1.....	50
OFICINA 2.....	56
Apresentação da oficina 2.....	57
OFICINA 3 .....	63
Apresentação da oficina 3.....	64
4.6 RELATO DA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS.....	73
<b>5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES</b> .....	80
5.1 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis pessoal .....	80
5.2 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis temporal.....	84
5.3 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis espacial .....	89

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94
<b>APÊNDICE</b> .....	99
A – Questionário.....	99
B – Atividade de Primeira Oficina .....	101
C – Atividade da Segunda Oficina – 1ª Aula .....	104
D – Atividade da Segunda Oficina – 2ª Aula .....	106
E – Atividade da Terceira Oficina – 1ª Aula .....	108
F – Atividade da Terceira Oficina – 2ª Aula .....	110
<b>ANEXO</b> .....	113
A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA .....	113
B – Carta de Anuência.....	114
C - TEXTO I: A Foto .....	115
D - TEXTO II: A aliança.....	117
E - TEXTO III: A Mentira.....	119
F – Atividades Respondidas .....	122

## INTRODUÇÃO

No decorrer da prática pedagógica, encontramos diferentes questões que nos afligem. Uma dessas questões está relacionada ao nível de compreensão leitora dos alunos. A deficiência em relação à habilidade de leitura é comprovada com os dados das avaliações internas e externas à escola. Dessa forma, esta pesquisa busca analisar a compreensão leitora dos alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola estadual, localizada no município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro.

Ler e compreender são competências fundamentais na formação do indivíduo, pois possibilitam que ele se posicione em face do outro e do mundo. Objetivando realizar o ensino e a aprendizagem efetivos, entendemos a necessidade do desenvolvimento da habilidade leitora. Nesse sentido, acreditamos que a leitura necessita ser uma atividade de entendimento, decorrente de uma prática social e interativa (KLEIMAN, 2002). Sendo assim, consideramos que a prática de leitura deve formar um leitor ativo, capaz de examinar e processar o texto.

Com o propósito de motivar a leitura com uma postura mais reflexiva, escolhemos o gênero crônica, pois, além desse gênero apresentar algumas características que, de certa forma, atraem o leitor, tais como: linguagem coloquial, texto curto, temas variados, acontecimentos do cotidiano, dentre outras, ele também é um dos conteúdos exigidos pelo Currículo Básico da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

Os textos narrativos relatam fatos ou ações em uma sequência temporal, apresentando um elemento central e, geralmente, personagens. Nesse tipo de texto, acentuam-se verbos de ação, advérbios de lugar e de tempo, verbos no pretérito perfeito e no presente. Além disso, o texto narrativo traz pronomes pessoais e demonstrativos, termos gramaticais e lexicais que ligam enunciados às coordenadas espaço-temporais.

A partir da necessidade do estudo do gênero crônica, surgiu o interesse em investigar como os alunos assimilam esse gênero por meio dos elementos dêiticos, visto que esses elementos evidenciam uma perspectiva, e as coordenadas espaço-temporais direcionam a interpretação. Considerando que muitos elementos são fundamentais para a compreensão de textos, interessa-nos entender como se dá a construção de sentido e a correspondência dêitica em narrativas, com base na ativação de estruturas cognitivas.

Em seu sentido etimológico, a palavra “dêixis” significa apontar, indicar. A dêixis é caracterizada como localização e o reconhecimento de pessoas, objetos, fatos e ações sobre os

quais mencionamos ou aos quais nos relacionamos no que diz respeito ao contexto espaço-temporal do evento discursivo. Esse traço “mostrativo” dos termos dêiticos contribui para a orientação da compreensão leitora, uma vez que direcionam certos elementos que revelam o locutor (Eu), o espaço (o aqui), o tempo (o agora), em que são produzidos os enunciados. Assim, as operações de referenciação dêiticas são produzidas, partindo do sistema de coordenadas, no qual o centro dêítico é o locutor (o ego).

Em relação à construção de sentido, a linguagem é a ponta de um iceberg cognitivo, pois projetamos de maneira inconsciente mecanismos cognitivos quando estamos em uma atividade linguística (FAUCONNIER e TURNER, 2002). Dessa forma, estratégias cognitivas e interacionais são ativadas na construção de sentido.

Partindo da hipótese de que o sujeito leitor executa operações mentais durante o processo de organização e entendimento do texto narrativo através da correspondência dêítica, esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para o ensino de língua portuguesa no que diz respeito à compreensão do gênero crônica a partir da coordenação dos elementos dêíticos.

Assim, o primeiro objetivo específico deste trabalho é explicar os processos cognitivos de leitura, especificamente o da inferência, vinculando conhecimentos prévios às ações das personagens e às situações do evento narrativo.

Levando-se em consideração que, no processo de construção de sentido, estabelecemos várias ligações entre o mundo material e o ideológico, o segundo objetivo específico é analisar os processos cognitivos realizados pelo leitor, tendo a dêixis como mecanismo linguístico na correspondência entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo, posto que as sequências de frases e de palavras organizadas, sistematicamente, indicam a relação do tempo, do espaço e da personagem com as experiências humanas.

Por meio da realização de atividades elaboradas por esta professora-pesquisadora e aplicadas em sala de aula e da análise das respostas dos alunos nas atividades, buscamos entender como o sujeito relaciona as informações dadas pelo narrador a seu conhecimento de mundo, associando-o à personagem. Assim, neste trabalho, apresentamos uma proposta de atividade na qual três crônicas de Luís Fernando Veríssimo foram utilizadas para compor as atividades.

Para a realização desta pesquisa, buscamos aporte teórico nos estudos da dêixis e do centro dêítico, sobretudo nas teorias de Benveniste (1995), Levinson (2007) e Rapaport *et al* (1994); na abordagem cognitiva da leitura, nas pesquisas de Brown (1997 e 1980), Flavell (1987), Gerhardt (2010 e 2015), Kleiman (2002 e 2013) e Nelson e Narens (1996); nos estudos sobre os modelos cognitivos idealizados, com base no trabalho de Fauconnier (1997), Lakoff

(1987) e Marmaridou (2000); para a formulação das questões da proposta de atividade, buscamos a teoria de Applegate *et al* (2002).

Dessa forma, esta pesquisa encontra-se dividida em cinco capítulos: o primeiro capítulo apresenta as teorias sobre dêixis; o segundo, faz um estudo sobre metacognição, estratégias metacognitivas de leitura e modelos cognitivos idealizados; o terceiro capítulo faz uma breve reflexão sobre o estudos de gêneros na escola e apresenta o gênero crônica; o quarto capítulo discute a metodologia utilizada nesta pesquisa; e , finalmente, o quinto capítulo mostra a análise das atividades desenvolvidas; por último, encontram-se nossas considerações finais.

## 1 ESTUDO DA DÊIXIS

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica que embasou nossa pesquisa sobre dêixis. As teorias de Benveniste (1995) e Levinson (2007) sobre os elementos dêíticos e os estudos de Rapaport *et al* (1994) contribuíram para a compreensão da importância desses elementos na organização do evento narrativo.

A palavra “dêixis” origina-se do grego e quer dizer apontar, indicar, mostrar. Nesse sentido, é uma competência que a língua apresenta para representar demonstrando, em vez de conceituar, estabelecendo um vínculo entre o cotexto e o acontecimento enunciativo em que se situam os participantes da comunicação.

Para compreender o acontecimento enunciativo, é preciso entender o que é enunciação. Enunciação pode ser considerada como um sistema que envolve diversos atos particulares. Esse termo refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento. Benveniste (1995), o precursor da Teoria da Enunciação, procura entender como a língua se transforma em fala e caracteriza esse processo de realização da língua como enunciação. Para ele, a enunciação é a apropriação da língua por um ato individual, no qual o falante torna-se sujeito do seu discurso.

Na teoria benvenistiana, a língua possui formas vazias que são apropriadas pelo locutor com a finalidade de determinar a si mesmo como “eu” e estabelece o seu interlocutor, o “tu”. Segundo Benveniste (1995), a relação eu – tu – aqui – agora instaura suas determinações no ato discursivo. Essa relação corresponde à base axial que constitui o sistema da língua.

De acordo com Levinson (2007), a dêixis é um fenômeno que evidencia as estruturas das línguas na relação entre língua e contexto, ou seja, a compreensão dos enunciados necessita da análise do contexto que é entendido como as identidades dos participantes, indicadores temporais e espaciais do evento discursivo e, dentre outras coisas, o conhecimento de mundo e a intencionalidade dos participantes do evento discursivo. Os elementos dêíticos que surgem em uma situação comunicativa têm o próprio falante como ponto de partida. Essa concepção do falante como centro dêítico é importante, visto que caracteriza as outras partes da dêixis, isto é, estabelece a pessoa, o tempo e o espaço centrais. Sendo assim, esses elementos dêíticos representam as marcas de subjetividade do falante em seus enunciados.

Ao contrário dos termos anafóricos, os dêíticos estabelecem uma ligação entre o cotexto e a circunstância enunciativa na qual se situam os participantes da comunicação. Nesse sentido,

para identificar se uma expressão é dêitica, é necessário saber quem é o locutor, seu interlocutor, o tempo e o espaço em que o enunciado é produzido.

### 1.1 Tipos de dêixis

A dêixis pessoal compreende na codificação do papel dos participantes na situação comunicativa. Para Benveniste (1995), no ato discursivo, existem duas pessoas: ‘eu’ e ‘tu’. O ‘eu’ não se refere a alguém, mas a algo puramente linguístico que indica seu locutor no momento da enunciação, e o ‘tu’ designa o alocutário. O autor destaca que:

Estamos na presença de uma classe de palavras, os “pronomes pessoais”, que escapam ao *status* de todos os outros signos da linguagem. A que, então, se refere o eu? A algo muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *tu* designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual (Benveniste, 1995, p. 288).

Nesse sentido, toda expressão que se relaciona ao locutor e a seu interlocutor é identificada como uma ocorrência de dêixis pessoal, ou seja, os pronomes pessoais, os pronomes possessivos correspondentes e as formas dêiticas pessoais, geralmente, relacionam-se aos participantes do ato comunicativo.

A dêixis temporal consiste em identificar a marcação do tempo em que o discurso ocorre. Gramaticalmente, a dêixis de tempo manifesta-se por meio de advérbios ou locuções adverbiais de tempo como “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “no próximo sábado”, e em marcações temporais determinadas pelos verbos. É relevante destacar que as expressões dêiticas de tempo pertencem à linguagem, uma vez que estão centradas no momento de referência presente, semelhante ao momento da enunciação.

Benveniste (1989) afirma que o tempo crônico que corresponde ao tempo fixado no calendário não pode coincidir com o tempo linguístico que está associado à produção do discurso, ou seja, o tempo linguístico está centrado no presente do momento da fala. Nesse sentido, se o locutor se coloca como o “eu” do seu discurso, o ato de enunciação só acontecerá no tempo presente e se manifestará através de tudo que está relacionado às formas linguísticas que o locutor emprega. Para o autor, a experiência humana do tempo se manifesta na língua, e a língua se manifesta através do discurso no ato da enunciação. Assim:

O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. Esse tempo tem seu centro – um centro ao mesmo tempo gerador e axial – no presente da instância da fala (BENVENISTE, 1989, p. 74).

Levinson (2007) ressalta que é importante diferenciar o momento da enunciação ou o tempo de codificação (TC) do tempo de recebimento (TR). Sendo assim, é necessário determinar se o centro dêitico permanecerá no locutor e no TC ou se será projetado no alocutário e no TR.

A dêixis espacial corresponde à localização do locutor ou do alocutário no momento da enunciação. O ambiente linguístico organiza-se a partir do aqui, isto é, do lugar do eu. Nesse sentido, aquele que situa os objetos posiciona-se no centro e passa a ser o ponto de referência da localização. Morfossintaticamente, os pronomes demonstrativos, as locuções e advérbios de lugar expressam o espaço linguístico<sup>1</sup>. No entanto, nem todas as expressões que indicam lugar podem ser consideradas como dêiticas, pois elas precisam ter o locutor como ponto de origem para identificar o referente. Sendo assim, quando a circunstância enunciativa não é conhecida, é preciso identificar o local da enunciação com uma posição do espaço tópico, assim como é feito nas cartas em que o lugar de onde se escreve é indicado.

Apesar de fazer um profundo estudo das categorias de pessoa e de tempo em **Problèmes de linguistique générale I e II**, Benveniste investe menos atenção à categoria de espaço. Fiorin (2016) salienta que a questão espacial fica à margem dos estudos, pois apresenta menor importância no processo de discursivização. Segundo ele:

Com efeito, não se pode deixar de utilizar, em hipótese alguma, o tempo e a pessoa na fala, mesmo porque essas duas categorias são expressas por morfemas sufixais necessariamente presentes no vocábulo verbal. Como, porém o espaço é expresso por morfemas livres, pode não ser manifestado. Parece que a linguagem valoriza mais a localização temporal que a espacial, pois podemos falar sem dar nenhuma indicação espacial, quer em relação ao enunciador, quer em relação a um ponto de referência no enunciado. (FIORIN, 2016, p. 230)

O espaço físico pode ser caracterizado como espaço linguístico e espaço tópico. Esses dois espaços representam a localização do locutor e do alocutário no espaço. O espaço

---

<sup>1</sup> O espaço linguístico corresponde ao lugar onde acontece a situação enunciativa.



linguístico organiza-se a partir do *hic*, isto é, do lugar do *ego*; e o espaço tópico organiza-se como um ponto fixo em relação a uma posição de referência. De acordo com Fiorin (2016):

No espaço linguístico propriamente dito, não se estabelecem em posições determinadas, nem movimentos numa data coordenada do espaço geométrico, mas apenas o espaço dos actantes da enunciação em relação aos do enunciado. No espaço tópico, os corpos são dispostos em relação a um ponto de referência, segundo um determinado ponto de vista, isto é, uma dada categoria espacial (FIORIN, 2016, p. 234).

Para Benveniste (1989), o *hic* é o centro gerador e axial no espaço da enunciação. O espaço linguístico é o do locutor, porém, no momento da enunciação, o alocutário reconhece-o como seu, pois o espaço discursivo atua como fator de intersubjetividade.

Em relação à dêixis textual, dois critérios são facultados à caracterização dela: a referência a porções difusas do discurso e a posição do locutor na cena enunciativa. Para Ehlich (1981), os dêiticos textuais indicam algo que não é diretamente identificável, isto é, favorecem a compreensão, desempenhando uma função metatextual e orientando o ponto de análise e concentração do leitor, visto que possibilita a organização do espaço do texto e direciona o receptor dentro dele.

Sobre a dêixis social, podemos dizer que ela é uma particularização da dêixis pessoal, pois se refere diretamente ao locutor e ao alocutário da cena enunciativa, mas as formas que a codificam demonstram relacionamento em sociedade que determina a seleção dos níveis de maior ou menor formalidade. Segundo Levinson (2007), existem dois tipos principais de referência socialmente dêitica que estão codificados em línguas de todo o mundo: a relacional e a absoluta. O autor frisa que a variedade relacional é a mais relevante e geralmente expressa relações entre: falante e referente; falante e destinatário; falante e espectador; e falante e ambiente.

Em sua obra **Pragmatic meaning and cognition**, Marmaridou (2000) apresenta uma nova concepção sobre a dêixis alicerçada em uma abordagem experiencialista e cognitivista. Nela, a autora destaca que o fenômeno da dêixis utiliza estruturas da realidade, determinando novas possibilidades para a identificação do que é ou não um elemento dêitico.

Ao observar alguns problemas relacionados aos elementos dêiticos na língua inglesa, a autora aponta ocorrências que foram negligenciadas pela teoria tradicional, em especial os casos que dizem respeito à terceira pessoa que, segundo ela, podem ser considerados como termos

dêiticos não-prototípicos, se houver referência aos fatores sociais que envolvem os interlocutores do ato enunciativo.

Marmaridou (2000) também não encontra diferenças significativas entre dêixis pessoal e dêixis social, visto que são codificados por nomes e pronomes e o uso desses pronomes, além de indicar os sujeitos que participam do ato discursivo, também podem determinar os papéis sociais. Sendo assim, ela sugere que as características desses dois tipos de dêixis sejam reconhecidas como um mesmo fenômeno.

## 1.2. Centro dêítico

À luz da Linguística Cognitiva, entendemos que o centro dêítico desempenha um importante papel na compreensão de narrativas, uma vez que está ligado ao processo mental pelo qual articulamos os eventos enunciativos que estão associados à identidade de uma personagem, falante ou ouvinte, em um espaço e tempo.

No ato da compreensão leitora, os elementos dêiticos indicam a pessoa, o espaço e o tempo, tendo como ponto de partida a posição do locutor na situação comunicativa. Dessa maneira, segundo Marmaridou (2000), a dêixis “diz respeito ao uso de certas expressões linguísticas para localizar entidades espaço-temporais, sociais e discursivas num contexto”<sup>2</sup>.

Rapaport *et al* (1994) caracterizam o centro dêítico como um modelo mental que é acionado no momento da leitura por meio de coordenadas pessoais e espaço-temporais. Nesse sentido, o centro dêítico é um processo cognitivo que auxilia a compreensão do texto narrativo, visto que os acontecimentos descritos desenrolam-se face ao leitor, isto é, o leitor estabelece representações mentais do texto e manifesta uma perspectiva sobre personagem, narrador, espaço e tempo, realizando relações com os elementos que constroem a história como o QUEM, o AQUI e o AGORA.

Dessa forma, no texto narrativo, o centro dêítico é controlado através de coordenadas que revelam um QUEM, um ONDE e um QUANDO, que, orientadas por termos dêiticos, possibilitam que as informações fornecidas sejam compreendidas. Assim, os eventos narrativos são produzidos e transformados conforme a manifestação de elementos referenciais.

---

<sup>2</sup> “concerns the use of certain linguistic expressions to locate entities in spatio-temporal, social and discursual context”.

### 1.3 Centros dêiticos na composição da narração

No processo de compreensão da leitura, o sujeito leitor/ouvinte configura os acontecimentos por meio das coordenadas pessoais e espaço-temporais das cenas. Assim, podemos dizer que, ao interpretar um texto narrativo, o sujeito leitor/ouvinte traspassa os limites das expressões textuais, pois relaciona as informações dadas pelo narrador a seu conhecimento de mundo, desenvolvendo uma imagem mental a respeito da personagem, do espaço e do tempo, associando-a com o mundo real.

Sendo assim, a compreensão da narração está ligada aos centros dêiticos, que correspondem à personagem (QUEM), posicionada no espaço (ONDE) e no tempo (QUANDO). Através da produção e transformação dos acontecimentos na narrativa, acreditamos que as personagens movem-se e interagem nos espaços e, em consequência disso, o centro dêítico também se movimenta no espaço e no tempo da narrativa. Dessa forma, conforme os acontecimentos são desencadeados, as circunstâncias são geradas e configuradas de acordo com os episódios descritos, contribuindo para a compreensão dos fatos.

Para Rapaport *et al* (1994), de acordo com a orientação do centro dêítico, os leitores identificam quatro tipos de entidades psicológicas em uma narrativa: o QUEM focal, o QUEM não focal, o QUEM focalizador e o QUEM narrador. Sendo assim, conforme o ponto de vista assumido pelo leitor/ouvinte, o tipo de QUEM, o espaço e o tempo serão definidos.

Em relação ao QUEM focal, os autores caracterizam-no como aquele que prende o centro dêítico e aponta coordenadas espaciais, temporais e psicológicas, mesmo que o leitor/ouvinte não tenha informações sobre os estados internos da personagem. Nesse caso, o leitor/ouvinte centraliza sua atenção nessa entidade e, por meio dela, posiciona-se no espaço e no tempo.

Sobre o QUEM não focal<sup>3</sup>, Rapaport *et al* (1994) classificam-no como uma entidade psicológica que, apesar de ser mencionada, não desloca o centro dêítico para ela. Nesse caso, o leitor/ouvinte não tem acesso ao mundo subjetivo da personagem.

Segundo os autores, o QUEM focalizador é uma entidade psicológica na qual o foco está centralizado nas experiências perceptuais, cognitivas ou cinestésicas, vivenciadas pela personagem e que representam sentimentos, pensamentos, sons, visões ou desejos inconscientes do QUEM focalizador. Nesse sentido, o QUEM focalizador corresponde a uma entidade psicológica na qual o processo experiencial dispõe em tópicos as outras entidades e

---

<sup>3</sup> Em nosso trabalho não usamos o QUEM não focal, pois direcionamos o leitor para os acontecimentos.

acontecimentos, e o QUEM focal representa uma entidade psicológica que é topicalizada pela narração.

Por não ser muito comum em narrativas, o QUEM focalizador pode ser identificado por meio das experiências vivenciadas por uma personagem. Diante disso, é importante que o leitor/ouvinte estabeleça uma relação subjetiva, até que ocorra uma alteração do Centro Dêitico, onde os acontecimentos apontem que a perspectiva não é operativa, isto é, a interpretação do leitor/ouvinte não depende mais das informações subjetivas do QUEM focalizador, pois ela dependerá somente das informações objetivas da narrativa.

A respeito do QUEM narrador, Rapaport *et al* (1994) consideram-no como uma entidade psicológica que tem suas ações limitadas à narração dos acontecimentos, visto que conta a história a partir de um nível epistêmico, distinto do da própria história por meio de termos temporais ou ontológicos.

No que se refere a ONDE, podemos dizer que a mudança do espaço no texto narrativo é sinalizada através de termos dêiticos que fazem referência ao “aqui” do leitor/ouvinte. Nesse sentido, o Centro Dêitico é essencial para a compreensão da narrativa, visto que indicará o movimento das entidades nos espaços narrados. Sendo assim, podemos dizer que o acompanhamento do leitor/ouvinte realiza-se cognitivamente por meio da construção e alteração do Centro Dêitico na progressão da narrativa.

Para esses autores, o leitor/ouvinte compreende as entidades e acontecimentos narrados a partir dos espaços demarcados na história pelo ONDE. Portanto, o dêitico “aqui” contribui na construção de um lugar onde o locutor está ou onde imagina-se que esteja. Assim, a perspectiva espacial poderá ampliar ou limitar a compreensão, pois quanto maior o conhecimento em relação à organização física, mais naturalmente o leitor/ouvinte estruturará suas representações mentais.

O QUANDO é a referência que diz respeito ao “agora” da narrativa, por meio da qual o leitor/ouvinte estabelece relações temporais que, geralmente, não são manifestadas linguisticamente na narrativa. Sendo assim, para que o tempo da narrativa seja compreendido, é importante que um tempo de referência seja utilizado e que se estabeleça uma interação entre ele e os eventos narrativos, organizando a estrutura temporal. Segundo Almeida (1995), esse tempo de referência pode ser compreendido como o tempo atual da narrativa que é identificado como o “agora” por meio dos elementos linguísticos que aludem ao tempo no momento do ato enunciativo em que evento acontece.

## 2 METACOGNIÇÃO NO ENSINO DE LEITURA

Neste capítulo e nas seções que o compõem, definimos e apresentamos o modelo de metacognição proposto por Flavell (1999) e o modelo de Nelson e Narens (1996). Além disso, refletimos sobre a importância do desenvolvimento de estratégias metacognitivas para o ensino de leitura. Para tanto, buscamos aporte teórico nas pesquisas sobre metacognição no ensino de leitura e sobre estratégias metacognitivas, embasadas nos estudos Brown (1997 e 1980), Flavell (1987), Gerhardt (2010 e 2015), Kleiman (2002 e 2013) e Nelson e Narens (1996); nos estudos sobre os modelos cognitivos idealizados, com base no trabalho de Fauconnier (1997), Lakoff (1987) e Marmaridou (2000).

O termo metacognição significa para além da cognição, quer dizer, metacognição é a capacidade de dominar o ato do conhecimento. Apesar de algumas pesquisas sobre autoconhecimento e processamento cognitivo terem sido realizadas por Baldwin e Dewey no início do século XX, a concepção de metacognição surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, e teve como precursor o psicólogo John H. Flavell. No início de seus estudos, Flavell considerava que a metacognição era uma reflexão do conhecimento sobre o conhecimento; posteriormente, o psicólogo associou a metacognição à linguagem, à comunicação e à solução de problemas. Segundo Flavell, a metacognição pressupõe:

[...] conhecimentos sobre a natureza das pessoas como cognitivas, sobre a natureza das diferentes tarefas cognitivas, e sobre possíveis estratégias que podem ser aplicadas para a solução de diferentes tarefas. Inclui também as competências executivas para monitorar e regular as próprias atividades cognitivas (FLAVELL, 1999, p. 2).

A metacognição promove a reflexão e a autorregulação do sujeito sobre seus conhecimentos, podendo ser considerada também como uma estratégia de aprendizagem, pois favorece o desenvolvimento de um leitor consciente e maduro, capaz de controlar os processos mentais.

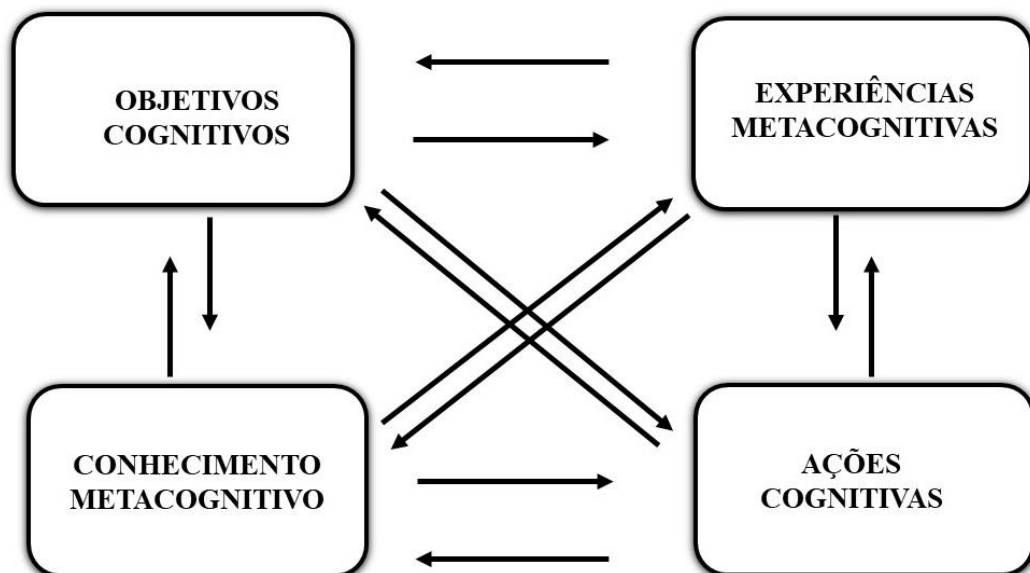
No ambiente escolar, as práticas pedagógicas que envolvem a metacognição são aquelas que estimulam os estudantes a refletir sobre a forma como executam certos procedimentos ou como interagem em uma determinada situação, possibilitando uma aprendizagem consciente.

De acordo com Brown (1997), os processos metacognitivos constituem-se em operações mais conscientes à medida que os processos cognitivos são envolvidos em experiências mais complexas. A autora declara que as raízes da metacognição encontram-se na descrição dos

mecanismos do sistema cognitivo, através do desenvolvimento da autorregulação. Nesse sentido, a autorregulação metacognitiva consiste na formulação de suposições sobre o desenvolvimento cognitivo, ou seja, o sujeito consegue determinar quais objetivos deverão ser traçados para a aquisição de um determinado conhecimento.

Ao conceituar metacognição como a capacidade que o sujeito tem a respeito dos acontecimentos cognitivos, Flavell (1987) destaca a importância do domínio metacognitivo. Com o propósito de distinguir os tipos de conhecimentos fundamentais para a atividade metacognitiva, ele considera relevante determinar o controle da metacognição. Para o autor, determinar o domínio da metacognição é imprescindível para compreender o processo de desenvolvimento do conhecimento. Dessa forma, ele aponta a relação entre o conhecimento metacognitivo e a experiência metacognitiva, e a relação entre os objetivos e as ações cognitivas.

**Imagem 1- Modelo de metacognição de Flavell (1979, 1987)**



Fonte: Elaborada pela autora, adaptada de Mayor *et al* (1995, p. 32).

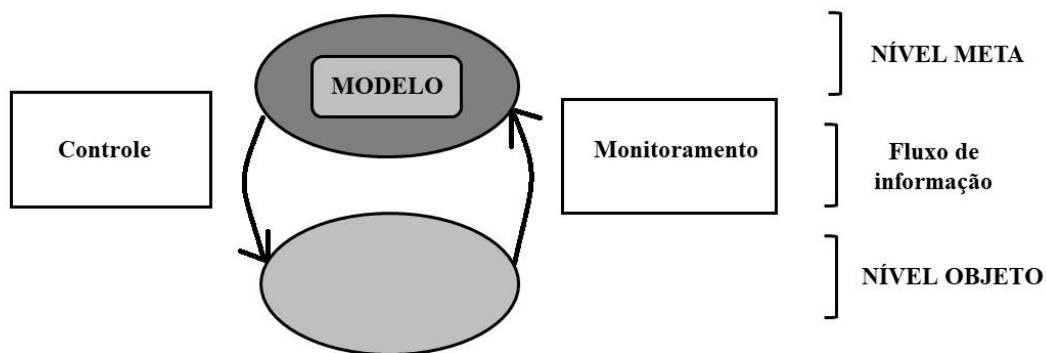
De acordo com o modelo de metacognição apresentado, o conhecimento metacognitivo diz respeito ao conhecimento que o sujeito desenvolve em relação a sua mente, e as experiências metacognitivas correspondem à consciência das experiências cognitivas. Os objetivos

cognitivos correspondem às metas a serem alcançadas em cada situação cognitiva, e as ações cognitivas referem-se às estratégias utilizadas para atingir tais metas.

Esse modelo evidencia a relação entre o desenvolvimento dos processos metacognitivos e os processos de informações básicas, correspondendo à interferência das restrições no conteúdo específico de determinado conhecimento em relação à aquisição de algum tipo de metacognição. Ou seja, o sujeito desenvolveria o conhecimento metacognitivo de determinado domínio apenas após adquirir conhecimento sobre esse domínio.

Na década de 1990, Nelson e Narens (1996) apresentam um modelo mais centrado nos processos. Se o modelo de Flavell possibilita refletir sobre quatro estruturas que se relacionam, o modelo de Nelson e Narens, apresentado na figura 2, destaca o fluxo de informação entre dois níveis: meta e objeto.

**Imagem 2- Modelo de metacognição de Nelson e Narens**



Fonte: Elaborada pela autora, adaptada de Nelson e Narens (1996, p. 11).

O modelo proposto por Nelson e Narens (1996) possui dois níveis: o de atuação cognitiva (nível objeto) e o de atuação metacognitiva (nível meta). Esse sistema desenvolve uma abordagem ligada ao processamento da informação, na qual destaca as relações de fluxo de informação nos processos de monitoração e autorregulação da habilidade metacognitiva. Nesse modelo, para ocorrer a autorregulação, a informação precisa fluir do nível meta para o nível objeto.

A partir desses dois modelos apresentados, compreendemos que o termo “metacognição” corresponde à capacidade de processar um alto nível de informações que é

desenvolvido por meio da experiência e do conhecimento que os sujeitos adquirem ao longo da vida.

Para que os alunos tenham um progresso na compreensão leitora, é necessário prepará-los para ler, sendo indispensável ensiná-los a ir além da literalidade do texto. Além disso, é importante que o docente e a escola estejam atentos ao planejamento das atividades e a escolha do material a ser utilizado, oportunizando aos alunos o contato com diferentes gêneros textuais, envolvendo visão de mundo e habilidades linguísticas, possibilitando que ele seja capaz de desenvolver estratégias de compreensão leitora, conferindo significado àquilo que lê.

Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa também enfatizam que:

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto ou o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo” (BRASIL, 1997, p. 58).

Dessa forma, atividades de leitura e compreensão devem ser desenvolvidas de forma que possam ofertar estratégias e condições significativas de aprendizagem, tornando a leitura uma atividade agradável. Conforme Solé (1998), a compreensão da leitura é um processo que remete à intervenção de um leitor ativo, que desempenha um importante esforço cognitivo. A autora explica que:

[...] ler é compreender e que compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão (SOLE, 1998, p. 44).

Para Gerhardt (2010), o ser humano atua sobre a construção do significado, em um fluxo contínuo entre o que ele cogniza e o universo à sua volta. No processamento da leitura, as experiências e os conhecimentos prévios do leitor são muito importantes, pois correspondem a tudo o que ele já sabe, ou seja, é o conhecimento que foi assimilado no decorrer de sua vida.

Segundo Kleiman (2013), o leitor traça estratégias baseadas no conhecimento linguístico e no conhecimento de mundo. Para ela, “o conhecimento linguístico abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua” (KLEIMAN, 2013, p.



15). A autora destaca o conhecimento textual, que, segundo ela, também faz parte do conhecimento prévio e desempenha um papel significativo na compreensão de textos, pois determinará as expectativas do leitor. De acordo com a autora:

Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão, pois, o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão (KLEIMAN, 2013, p. 20).

A autora também menciona o conhecimento de mundo ou enciclopédico, que pode ser adquirido tanto informalmente como formalmente, pois ele permite que o leitor relacione as informações expressas em um texto àquelas que estão implícitas.

Nesse sentido, para alcançar a metacognição, o sujeito precisa ser envolvido em atividades com objetivos e estratégias que o estimulem a refletir sobre o próprio aprendizado, controlando-o e autorregulando-o. Dessa forma, o ensino de leitura deve desenvolver estratégias que possibilitem aos alunos a compreensão dos textos escritos, por isso entendemos que o desenvolvimento de estratégias é imprescindível para a formação do leitor. Sendo assim, na próxima seção, falaremos sobre essas estratégias.

## **2.1 Estratégias metacognitivas**

Ao analisarmos o processo de compreensão leitora, consideramos importante diferenciar as estratégias cognitivas das metacognitivas. As estratégias cognitivas caracterizam os princípios que se referem às ações automáticas e inconscientes do leitor em relação à interpretação de textos; já as estratégias metacognitivas designam um comportamento consciente do leitor, no qual ele mostra-se preparado para controlar as tarefas executadas e apresenta consciência da própria consciência.

Gerhard, Botelho e Amantes (2015) enfatizam que qualquer pessoa, ao executar uma atividade, traça, mentalmente, estratégias para chegar à solução desejada e é capaz de relacionar essas ações a necessidades futuras. Para as autoras, o estabelecimento e a manutenção de objetivos, ao ler um texto, auxiliam os alunos durante a atividade, permitindo que a seleção de conteúdos, abstraídos por eles, tenha sentido e proporcione aprendizado.

Conforme Solé (1998, p. 41), “a questão dos objetivos que o leitor se propõe a alcançar com a leitura é crucial, porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê”. Assim, para que os alunos desenvolvam a capacidade de refletir sobre o desempenho na compreensão do texto, o professor precisa provocar questionamentos e motivações. Além disso, o docente deve estimular os alunos com estratégias que o permita fazer relações do que foi lido com seu conhecimento de mundo, objetivando também que se posicionem criticamente diante do texto.

A palavra “estratégia”, assim como muitas outras palavras da língua portuguesa, é polissêmica, ou seja, pode ser empregada com diferentes sentidos, dependendo do contexto. Segundo Solé (1998), estratégia é um procedimento, que é conceituado na literatura especializada e na tradição psicopedagógica como “estratégias de leitura”. A autora elenca estratégias que auxiliarão a leitura que pode ser segmentada em três momentos: antes, possibilitando localizar o leitor, desafiando-o a assumir uma postura ativa; durante, auxiliando a desenvolver uma compreensão que possibilite a solucionar problemas; e depois da leitura, permitindo sistematizar as fases precedentes de forma efetiva.

Kleiman (2002) salienta que as estratégias de leitura são operações regulares que utilizamos para abordar o texto. Essas estratégias podem ser percebidas na compreensão do texto a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, ou seja, através das atividades que ele desenvolverá como resumos, paráfrases, respostas às perguntas que surgirão com a leitura e, também, a partir da forma como ele manipulará o material.

A autora classifica as estratégias que o leitor utiliza como estratégias cognitivas e estratégias metacognitivas. As primeiras seriam as operações inconscientes do leitor, aquelas que não chegam ao nível consciente com perspectivas de utilização das mesmas para o alcance dos objetivos da leitura. As segundas, capacidades do leitor conhecer o próprio conhecimento, de refletir sobre sua atuação, podendo dizer se está ou não entendendo um texto.

A aplicação de estratégias metacognitivas está condicionada a vários fatores como: hábito de leitura; conhecimento do material utilizado no ato da leitura; gênero, organização e conteúdo do texto; finalidade da atividade; grau de dificuldade dos exercícios de interpretação; idade e conhecimento de mundo do leitor.

De acordo com Kleiman (2013), essas estratégias representam a capacidade de determinar objetivos na leitura, controlando e regulando o próprio conhecimento. Assim, ao utilizar conhecimentos prévios, ao fazer observações sobre o texto, ao estabelecer um tempo dedicado à leitura e ao determinar dificuldades no entendimento de algum termo, frase ou, até mesmo, do texto inteiro, o leitor está autorregulando sua aprendizagem.

Segundo Kato (1995, p. 130-131), essas atividades podem ser resumidas em duas estratégias: “estabelecimento de um objetivo explícito para a leitura”, no qual o aluno identifica o assunto do texto, observando “sua consistência interna” e criando relações entre o texto e seu conhecimento de mundo; e a “monitoração da compreensão, tendo em vista esse objetivo”, isto é, identificar erros, executar autocorreção durante a atividade, monitorar o tempo, fazer anotações, dentre outras atividades. Dessa forma, para que essas estratégias de leitura sejam desenvolvidas, precisamos reconhecer as dificuldades que os alunos apresentam e estimular o uso dessas estratégias.

Entre as estratégias metacognitivas, Kleiman (2013) destaca a importância da formulação de hipóteses. De acordo com a autora, quando a leitura é definida como um jogo de adivinhação pelos autores, ela passa a depender do papel ativo do leitor na elaboração de hipóteses. As hipóteses possibilitam que o leitor controle, conscientemente, sua leitura para a comprovação ou negação das hipóteses que foram levantadas durante a compreensão. Nesse sentido, a autora acredita que o levantamento de hipóteses seja o ponto inicial para que o leitor desenvolva estratégias metacognitivas, visto que:

Ao formular hipóteses o leitor estará predizendo temas, e ao testá-las ele estará depreendendo o tema; ele estará também postulando uma possível estrutura textual, e, na testagem de hipóteses, estará reconstruindo uma estrutura textual; na predição ele estará ativando seu conhecimento prévio, e na testagem ele estará enriquecendo, refinando, checando esse conhecimento. São todas essas estratégias próprias da leitura que levam à compreensão do texto (KLEIMAN, 2013, p. 47).

Sendo assim, entendemos que as estratégias metacognitivas auxiliam os alunos no estabelecimento de objetivos que possibilitam a ativação de conhecimentos prévios; na antecipação do assunto do texto através do contexto; na releitura de trechos que não conseguiu entender; no levantamento e na verificação de inferências, pois o leitor estará controlando, de forma consciente, o próprio processo de compreensão.

## **2. 2 Modelos cognitivos idealizados**

As estruturas de conhecimento estabelecidas pela relação sociocultural do homem no mundo organizam a mente humana (LAKOFF, 1987). Assim, o conhecimento de mundo é guardado pelos espaços mentais permanentes conhecidos como Modelos Cognitivos

Idealizados (MCIs). Esses modelos são representações mentais estáveis, concebidas a partir de experiências que fornecem conhecimento sobre um determinado assunto e também organiza-o. Os MCIs são considerados idealizados porque não representam uma realidade exata, mas como se espera que as coisas sejam, isto é, correspondem à idealização da realidade.

Ao contrário da teoria aristotélica que compreendia que os elementos, para serem classificados como da mesma categoria, necessitariam compartilhar traços específicos, Lakoff (1987) parte da descrição de estudos cognitivos para mostrar que as categorias não são estanques, pois apresentam limites flexíveis. Segundo ele, a linguagem não consiste em um sistema cognitivo autônomo, ela compõe o sistema cognitivo geral, reconhecido pela psicologia cognitiva.

O processo de categorização é uma estratégia que se estabelece quando elementos com traços análogos são agrupados em classes específicas. Essa estratégia está ligada à capacidade de memorização do indivíduo. Observa-se que esses agrupamentos não constituem um número infinito de categorias, porque isso sobrecarregaria o processamento de informações.

Ao negar a existência de uma realidade objetiva, na qual as verdades no mundo estão relacionadas, Lakoff (1987) assume o conceito de categorização cognitiva. Para ele, os MCIs são mecanismos que favorecem o raciocínio, visto que dão suporte e organizam o conhecimento, possibilitando estabelecer categorias e relacioná-las. Esses modelos cognitivos são idealizados, pois não estão atrelados à realidade, mas à concepção de mundo dos indivíduos. Eles também são considerados idealizados por relacionarem-se a normas que não são mais produzidas. Nesse sentido, esses modelos contribuem para que elementos sejam categorizados e sirvam como exemplos prototípicos ou exemplos de categoria com maior ou menor intensidade.

Esse autor propõe mais três tipos de MCIs: esquemas imagéticos, que possibilitam que esquemas de imagens sejam trocados para outras áreas; projeções metafóricas, que correspondem a um esquema imagético no qual as projeções de um domínio são transferidas para outro domínio de estrutura equivalente; projeções metonímicas, que correspondem a uma função entre um elemento de um modelo proposicional ou imagético e outro elemento.

Os MCIs organizam o conhecimento em categorias e estabelecem relações entre elas. Pragmaticamente, eles são caracterizados como alimentadores, pois possibilitam que os indivíduos façam projeções entre domínios, ligando-os metafóricamente ou metonimicamente, e, ao serem usados, constituem espaços mentais que fornecem funções, por meio de frames, com a intenção de alimentá-los.

Essas projeções metafóricas e metonímicas demonstram que os significados são estruturados nos MCIs (domínios de conhecimento estável) ou nos espaços mentais (domínios de conhecimento dinâmico), que são organizados pelos domínios estáveis. Assim, os MCIs caracterizam os conhecimentos formados pelas experiências do sujeito, constituindo domínios estáveis, os espaços mentais correspondem aos domínios locais e dinâmicos que se constituem e modificam de acordo com a situação discursiva. Segundo Fauconnier (1997), essas projeções representam a forma como o homem interage e expressa seu conhecimento de mundo. Nesse sentido, é importante salientar que os MCIs conduzem determinadas situações, ações e interações, gerando expectativas ideológica e ética, visto que são estruturas relacionadas, diretamente, às experiências dos sujeitos a partir das relações sociais nas diferentes comunidades das quais fazem parte.

### 3 GÊNEROS E SUAS APLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Dada a importância da prática pedagógica apoiada nos gêneros para o ensino de leitura e escrita, neste capítulo e na seção que o constitui, discutimos sobre o ensino de gênero nas escolas e apresentamos o gênero crônica, sua origem e seus diferentes tipos.

O conceito de gênero é uma construção histórica que está vinculada à tradição ocidental desde os filósofos da Grécia Antiga aos filósofos da Idade Moderna. Segundo Marcuschi (2008), Platão é precursor na teoria sobre gêneros, e, em Aristóteles, tem-se a discussão conceptual sobre a natureza do discurso, associando formas, funções e tempo.

Uma das grandes referências para o estudo sobre gêneros é o filósofo russo Mikhail Bakhtin. Ele desenvolveu pesquisas sobre a linguagem que forneceram grandes contribuições para a linguística moderna. Bakhtin (2011) considera que a atividade humana está vinculada à prática da linguagem e conceitua os gêneros como todo enunciado que circula socialmente. Para o autor,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262)

As inúmeras situações de comunicação fazem com que o indivíduo utilize a linguagem de diversas maneiras em busca de atingir alguns objetivos. Bakhtin aponta que a complexidade da heterogeneidade dos gêneros discursivos impossibilita que um único plano dê conta de sua compreensão. Desta forma, o autor destaca a concepção de gêneros primários (simples) que constituem condições de comunicação espontânea, e gêneros secundários (complexos) que manifestam-se nas relações culturais complexas moderadamente desenvolvidas e organizadas.

Partindo da concepção bakhtiniana, Schneuwly e Dolz (2004) discorrem que gênero pode ser definido em três partes: os conteúdos que são ou que se tornam separáveis através dele; a estrutura do textos relacionadas ao gênero; e as características peculiares de sequências textuais e de tipos discursivos que integram sua estrutura.

Sobre a divisão em gêneros primários e secundários feita por Bakhtin, Schneuwly (2004) define que há interação e controle mútuo pela situação; o gênero, como entidade global, controla todo o processo como uma só unidade; e há pouco ou nenhum controle metalinguístico.

Segundo o autor, os gêneros secundários são diretamente controlados pela situação, mas por entidades isoladas com mecanismos de controle mais poderosos. Enquanto o gênero primário se constitui na ação da linguagem, o gênero secundário se constitui por outros mecanismos. O tipo de relação com a ação, linguística ou não, distingue o gênero primário do secundário.

Depois da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ampliou-se o número de pesquisas sobre gêneros no Brasil. Essas pesquisas contribuíram para o desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem e conduziram orientações sobre o estudo de gêneros. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997) direcionam a prática pedagógica com base nos gêneros para o ensino de leitura e produção escrita.

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (BRASIL, 1997, p. 23).

Nesse sentido, a compreensão de gêneros possibilita ao indivíduo interagir de diferentes formas em distintos contextos de comunicação. Sendo assim, o desenvolvimento de atividades com as variedades de gêneros favorecem a progressão de habilidades comunicativas.

São muitas as contribuições que os PCNs oferecem aos docentes quanto ao ensino da Língua Portuguesa na escola. Entretanto, Marcuschi (2008) destaca que os PCNs consideram apenas os gêneros com realização linguística mais formal e não os mais praticados nas atividades linguísticas cotidianas. O autor também sinaliza que os PCNs produzem uma confusão entre oralidade e escrita, pois não há objetividade quanto ao uso de métodos que teriam sido empregados para estabelecer essas distinções.

Levando-se em consideração a importância do trabalho com gêneros para o ensino de leitura, na próxima seção, apresentaremos a crônica, gênero escolhido para compor nossa pesquisa, pois, além de ser parte integrante do currículo exigido pelas diretrizes da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, apresenta muitas marcações dêiticas.

### 3.1 Gênero crônica

Considerando a concepção bakhtiniana sobre gêneros, entendemos o gênero crônica como um gênero secundário que dialoga com o primário, pois manifesta, assim como o gênero primário, traços de oralidade, e, como o secundário, atua como um instrumento de interação verbal em eventos de comunicação mais complexos. No entanto, apesar de manifestar um certo nível de complexidade, o gênero crônica apresenta uma linguagem menos formal.

A palavra “crônica” origina-se de *chronica*, termo latino que se refere ao ato de narrar os fatos, e de *khrónos*, vocábulo grego que significa tempo. De acordo com Moisés (2004), esse termo teve seu conceito alterado com o tempo:

Empregado primeiramente no início da era cristã designava uma lista ou relações de acontecimentos, arrumados conforme a sequência linear do tempo. Colocada assim, entre os simples anais e a História propriamente dita, a crônica limitava-se a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação (MOISÉS, 2004, p. 110).

No início, a crônica tornou-se conhecida como um relato de acontecimentos cotidianos ou de fatos históricos de um povo. Com o passar do tempo, a crônica deixou de expressar traços puramente informativos e incorporou aspectos estéticos e poéticos. Segundo Nery (2010), nos primórdios da era cristã, a crônica relacionava-se a uma lista de documentos organizados cronologicamente, onde eram registrados acontecimentos historiográficos. Durante o século XII, em alguns países europeus, o gênero apresentou alguns elementos de ficção, baseados na observação do cronista sobre os acontecimentos diários. Para Roncari (2002, p.25), “o início dessa prática acabou criando um conjunto riquíssimo tanto de documentos históricos quanto de textos também de valor literário”.

Já no século XVI, o gênero crônica expressa associações com o ensaio. Segundo Coutinho (1987), a crônica brasileira assemelha-se ao ensaio inglês informal (*informal essay* ou *familiar essay*) por manifestar linguagem informal, interpretação pessoal dos acontecimentos e não seguir uma estrutura fixa. O autor assevera que “é um gênero livre e flexível, elástico, somente preso à facúndia do escritor. É o que corresponde à nossa crônica, sem tirar nem pôr” (COUTINHO, 1987, p. 748).

Enquanto alguns autores, assim como Coutinho, afirmam que a crônica originou-se do ensaio, Pereira (2004) ressalta que, nesse período, a crônica ainda estava ligada à literatura e à história. De acordo com o autor,



[...] ela perfaz um caminho de criação e recriação dos eventos sociais, colocando o homem como condutor de um ciclo de várias ações que podem ser determinadas pelo tempo histórico em que habita ou pelas representações que podem modificar esse chrónos. Algumas vezes a crônica assume o caráter de ficção. Já o ensaio, a partir de Montaigne, estaria preso à busca de legitimação dos vários códigos que permeiam as relações sociais (PEREIRA, 2004, p. 22).

Para o autor, existem muitas diferenças entre um gênero e outro. Buscando destacar essas diferenças, ele menciona os diversos significados que a palavra “amor” pode expressar em um ensaio e em uma crônica. Conforme Pereira (2004), na crônica, a palavra “amor” não é definida, mas novos sentidos são atribuídos a ela; já no ensaio, procura-se construir um objeto linguístico que possa exprimir conceitos do termo “amor”.

Atualmente, o gênero que intitulamos de crônica originou-se do folhetim europeu, no início do século XIX. No Brasil, a crônica surge na coluna “A semana” no “Jornal do Commercio”, de Francisco Otaviano, em 1852. Moisés (1982) destaca as transformações que ocorreram com o gênero nas produções brasileiras:

[...] chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro: a crônica assumiu entre nós caráter sui generis. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (MOISÉS, 1982, p. 246).

A crônica sofreu muitas alterações até consolidar-se como gênero literário. Ela surge no jornal, mas desenvolve características distintas dos textos jornalísticos, pois, com o passar dos anos, ela incorporou ficção, fantasia, crítica e reflexão. Para Candido (1992), os leitores determinaram as mudanças que ocorreram com o gênero:

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro (CANDIDO, 1992, p. 15).

Essas características ressaltadas por Candido (1992) revelam traços que, com o passar dos anos, foram sendo revelados e conquistaram o gosto de muitas pessoas que buscam leituras curtas para o dia a dia.

De acordo com Sá (2002), a crônica difere-se do texto jornalístico, atingindo a condição de arte literária quando excede os limites da brevidade da notícia. O autor ainda destaca que a necessidade de transportar a crônica do jornal para o livro surge porque os jornais encarregam o cronista a “[...] colocar a vida no exímio espaço dessa narrativa curta, que corre o risco de ser sufocada pelas grandes manchetes, ou confundir-se com o contexto da página em que ela é publicada” (SÁ, 2002, p. 18). Para corroborar, Candido (1992) declara que, ao ser transferida do jornal para o livro, a durabilidade da crônica tornou-se maior. Segundo o autor,

[...] Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo em relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser ainda maior (CANDIDO, 1992, pp. 14-15).

Nesse sentido, o autor enfatiza que, no jornal, a crônica evidencia a efemeridade e as especificidades características desse meio de veiculação e, no livro, assume um caráter mais duradouro, ganhando também outras possibilidades de leitura.

No que diz respeito ao alcance e à forma de recepção do texto, Sá (2002) aponta que essa transição é favorável tendo em vista que “as possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura” (SÁ, 2002, pp. 85-86).

Como gênero jornalístico, a crônica mostra-se como um texto que preserva traços de narração histórica, relacionando-se com outros textos da esfera jornalística, porém distingue-se da notícia por não buscar precisão da informação. Com abordagem breve, irônica e criativa, os cronistas levam o leitor a refletir sobre fatos cotidianos e seus reflexos na vida social.

Para classificar a crônica na esfera jornalística, Beltrão (1992) expõe aspectos específicos do gênero. Segundo o autor, os textos elaborados pelos cronistas podem ser classificados de acordo com a natureza do tema e o tratamento que o cronista dá a ele.

Quanto à natureza do tema, o autor menciona três tipos: Crônica Geral (aborda temas variados e tem espaço fixo no jornal); Crônica Local (apresenta aspectos da vida cotidiana e é conhecida como crônica urbana); e Crônica Especializada (versa sobre assuntos específicos da atividade humana).

No tocante ao tratamento do tema, o autor define três modalidades: Crônica Analítica (apura os fatos de forma breve e objetiva); Crônica Sentimental (apela para a sensibilidade do leitor); e Crônica Satírico-humorística (critica e ironiza os acontecimentos e as personagens, assumindo um caráter mais caricatural).

Como gênero literário, a crônica retrata o cotidiano de forma poética, incorporando diferentes sentidos aos temas que desenvolve. Nessa esfera, o que está em questão não é o fato real, mas a recriação desse fato. Nesse sentido, ela diferencia-se do texto jornalístico, pois, apesar de embasar-se em acontecimentos do dia a dia, não busca a informação e consegue transcender o acontecimento transitório em que se apoia.

Conforme Coutinho (1976), a crônica como uma forma de arte, desenvolve-se na arte da palavra, acompanhada de lirismo, aproximando-se da poesia. O autor também enfatiza a subjetividade do cronista presente nas reflexões sobre a vida humana e destaca que a forma de abordar o assunto sobrepõe-se aos acontecimentos.

De acordo com Moisés (1982), a crônica literária alterna-se entre poesia e conto. O autor destaca que, poeticamente, a crônica vale-se do subjetivismo, resultando-se em textos impregnados de lirismo; e, quando se apresenta como conto, apoia-se no acontecimento que incitou o cronista. Para esse autor, o lugar ideal da crônica está entre o meio termo entre o acontecimento e o lirismo.

Sobre a semelhança entre crônica e conto, Simon (2007) declara que a organização narrativa é um dos principais pontos que causam confusão entre um gênero e outro. Esse autor assevera que:

[...] enquanto existem crônicas idênticas ou praticamente iguais a conto, no que se refere a sua adesão à organização narrativa, outras abdicam do narrar, constituindo-se em comentários ou reflexões, com mais ou menos lirismo; além de uma terceira narrativa, bastante comum, composta por uma mescla de narrativa, comentário e lirismo (SIMON, 2007, p. 19).

Nesse sentido, a organização narrativa pode atrapalhar a classificação entre os gêneros conto e crônica, sendo necessário analisar outros aspectos como, por exemplo, a transfiguração de fatos do cotidiano em fantasia, que é uma característica evidenciada em crônicas.

## 4. METODOLOGIA

Este capítulo versa sobre a abordagem metodológica empregada para análise das atividades desenvolvidas. Nele, apresentamos também uma descrição do ambiente, dos sujeitos participantes, os critérios que nortearam a escolha dos alunos participantes, a composição do *corpus* de análise e os instrumentos para obtenção dos dados coletados nesta pesquisa.

Nesta dissertação, o desenvolvimento do trabalho baseia-se em uma análise de natureza qualitativa, pois busca entender e refletir sobre os processos cognitivos de leitura e sobre o uso da dêixis como mecanismo linguístico na correspondência entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo.

Essa metodologia permite ao pesquisador ter a dimensão humana e plural dos fenômenos educacionais, conforme assevera Telles (2002):

Atualmente, a opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais frequente na pesquisa em educação, visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola (TELLES, 2002, p 102).

Além disso, entendemos que as práticas de aprendizagem envolvem não apenas a pessoa e o objeto de conhecimento, mas também as interações sociais, possibilitando, por conseguinte, que os processos cognitivos estejam incorporados à construção de significados na linguagem, especificamente em relação aos significados dos dêiticos na leitura.

Para compreender as relações de significado dos dêiticos como mecanismo linguístico envolvendo processos cognitivos de diferentes naturezas nas práticas de leitura escolar, esta pesquisa adota a tipologia sobre os quatro níveis da leitura, proposta por Applegate *et al* (2002), ressaltando que o estudo dos dêiticos na linguagem é considerado como parte dos processos do “fazer inferências” e que, portanto, não se restringe a uma reprodução das informações do texto (Nível Linear, Applegate *et al*, 2002), desconsiderando a interação social e tudo que faz parte do conhecimento de mundo e da experiência vivida pelo aluno.

Dessa forma, elaboramos as questões da proposta de atividade, baseada na classificação da leitura em níveis apresentados por Applegate *et al* (2002), cuja descrição segue:

Nível 1 – linear, exige apenas que o leitor recorde o que leu. Nesse nível, a resposta está na superficialidade do texto.

Nível 2 – baixo nível inferencial, no qual as respostas não estão óbvias na superfície textual, exigindo uma pequena conclusão ou inferência do leitor com base inclusive em informações do próprio texto. Esse nível pode ser detectado por meio de quatro situações: (a) paráfrase; (b) estabelecimento de relações lógicas e básicas; (c) detecção de informações; ou (d) especulação.

Nível 3 – alto nível inferencial, no qual o leitor faz inferências relacionando seus conhecimentos prévios às ideias contidas no texto e oferecendo uma conclusão lógica como resposta. Nesse nível, o aluno é capaz de: (a) conceber uma solução alternativa para um problema específico descrito no texto; e/ou (b) descrever uma motivação plausível que explica para uma situação, problema ou ação; e/ou (d) prever um passado ou ação futura com base em características ou qualidades desenvolvidas no texto; e/ou (e) descrever um personagem ou uma ação, baseado em acontecimentos da história.

Nível 4 – inferencial reflexivo global, no qual o leitor faz reflexões sobre o texto como um todo, expressando e defendendo ideias relacionadas às ações e aos personagens. Nesse nível, as questões estão voltadas para as ideias centrais do texto ou do trecho a ser abordado e requerem que o leitor se posicione criticamente sobre o assunto em questão, apoiado nas situações descritas no texto e sendo capaz de: (a) descrever a lição que um personagem pode ter apreendido com a experiência; e/ou (b) julgar a eficácia da ação ou das decisões de caráter e defender o julgamento; e/o (c) elaborar e defender soluções alternativas para um problema complexo descrito em uma história; e/ou (d) responder concordando ou discordando de um personagem, baseado em uma avaliação lógica das ações ou traços do personagem da história.

Além dos estudos de Applegate *et al* (2002), durante a aplicação das oficinas, desenvolvemos algumas atividades de natureza metacognitiva, elencadas por Brown (1980):

- a) Explicitação dos objetivos da leitura;
- b) Identificação de aspectos da mensagem que são importantes;
- c) Alocamento de atenção em áreas que são importantes;
- d) Monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão;
- e) Engajamento em revisão e autoindagação para ver se o objetivo está sendo atingido;
- f) Tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão;
- g) Recobramento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões (BROWN,1980 apud Kato 1995, p. 130).

Como já mencionamos, nossa pesquisa tem dois objetivos específicos: 1) explicar os processos cognitivos de leitura, especificamente o da inferência, vinculando conhecimentos prévios às ações das personagens e às situações do evento narrativo; 2) analisar os processos

cognitivos realizados pelo leitor, tendo a dêixis como mecanismo linguístico na correspondência entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo.

Além dos objetivos específicos da pesquisa, organizamos três oficinas com objetivos que buscaram contribuir para que os objetivos específicos fossem atingidos. Nesse sentido, para atingir os objetivos propostos, desenvolvemos atividades que foram aplicadas nessas oficinas, organizadas em 12 tempos de 50 minutos:

A. Na primeira oficina, objetivamos contribuir para a compreensão da estrutura e dos elementos da narrativa, considerando os conhecimentos prévios dos alunos em relação a esses elementos;

B. Na segunda, buscamos levar o aluno à identificação dos elementos organizacionais e estruturais da crônica e à compreensão dos recursos de estilo e linguagem desse gênero textual;

C. Na terceira e última oficina, que corresponde ao foco principal de nosso trabalho, objetivamos analisar os processos de compreensão dos alunos através dos elementos dêiticos presentes na narrativa e entender como esses alunos reconhecem e relacionam a presença desses elementos no discurso às pessoas, ao tempo e ao espaço da narrativa.

Levando-se em consideração que, no texto narrativo, os elementos dêiticos orientam o leitor/ouvinte e organizam o desenvolvimento da narrativa, para compor as atividades desenvolvidas nas três oficinas, escolhemos três textos do gênero crônica, pois considerarmos a crônica um texto rico em elementos significativos para o estudo da dêixis. Dessa forma, selecionamos as crônicas “A Foto”, “A aliança” e “A Mentira”, de autoria de Luís Fernando Veríssimo.

#### **4.1 Contexto de aplicação**

Refletir sobre a prática docente é uma tarefa essencial para identificarmos quais as dificuldades que são apresentadas pelos alunos no desenvolvimento das competências de leitura e de escrita.

Esta pesquisa insere-se na Linha de Pesquisa “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e objetiva ter um caráter ativo, no qual, através da observação da realidade dos fatos, apresentaremos uma proposta de trabalho para o

entendimento dos mecanismos cognitivos utilizados pelos alunos na compreensão de narrativas por meio da organização dos centros dêiticos.

A produção da proposta de atividade surgiu da experiência como docente de Língua Portuguesa, adquirida em 12 anos de trabalho na educação básica da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. A partir da vivência, somos conduzidos a refletir sobre nossas práticas pedagógicas, principalmente, quando pensamos na formação do aluno como um sujeito situado no tempo e no espaço.

Com o objetivo de investigar os mecanismos cognitivos envolvidos no processo de compreensão de narrativas por meio da correspondência dêitica entre personagem, espaço e tempo, escolhemos a crônica, pois é um gênero que apresenta narrativas a partir de situações cotidianas e de proximidade com o leitor, oportunizando, também, o desenvolvimento sociorreflexivo, visto que contextualiza situações comunicativas, além de ser um componente curricular exigido pelas diretrizes da Secretaria Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

## **4.2 Lugar e sujeitos pesquisados**

A escola escolhida para a aplicação de nossa pesquisa está localizada no município de Duque de Caxias, região da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Segundo informações cedidas pela unidade escolar, no ano de 2017, os alunos matriculados são oriundos de bairros situados no 2º distrito do município, principalmente, do bairro Pilar.

No passado, o bairro Pilar foi uma região próspera do Recôncavo da Guanabara: a Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Iguaçú. No bairro, ainda se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, construída em 1720. Durante os séculos XVIII e XIX, o lugar teve grande importância, pois seu porto fluvial, nas margens do Rio Pilar, iniciava o Caminho Novo que ligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais, no período do esplendor do ciclo do ouro. Atualmente, o bairro encontra-se carente de políticas públicas e é marcado pelo aumento da violência e disputa de território entre milicianos e traficantes.

Situado entre os bairros Pilar e Cidade dos Meninos, o CIEP 032 Cora Coralina é classificado pela Secretaria Estadual de Educação como de médio porte, com, aproximadamente, 1200 alunos, distribuídos em três turnos. A unidade de ensino possui uma boa estrutura física, com 17 salas de aula, um auditório, uma biblioteca, um laboratório de informática, um campo gramado, uma quadra esportiva e um vestiário.

A instituição escolar está condicionada às diretrizes propostas pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Janeiro e é administrada por uma diretora geral e duas diretoras adjuntas, eleitas pela comunidade escolar. Além disso, a escola conta com coordenador pedagógico e coordenador educacional.

A escolha da escola em questão para a realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de a professora pesquisadora já conhecer o perfil dos alunos que compõe a instituição escolar e pelo conhecimento que possui sobre as dificuldades de compreensão leitora dos mesmos, visto que leciona na instituição.

A escola defende uma visão pedagógica voltada para a formação de pessoas conscientes, como cidadãos plenos, no que se refere ao cumprimento dos seus deveres sociais e profissionais; pessoas cientes de que seus atos de respeito ao próximo contribuem para a formação de uma sociedade mais justa. No que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, a escola possui uma proposta pedagógica baseada na prática de um ensino que garanta a todos os alunos o acesso aos conhecimentos linguísticos que são indispensáveis para que eles possam refletir e interagir criticamente na sociedade da qual fazem parte.

A turma escolhida para a realização de nossa pesquisa corresponde ao 9º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino, constituída por um total de 30 alunos com idade entre 13 e 17 anos. A maioria dos alunos é proveniente de famílias com baixo poder aquisitivo, e alguns precisam trabalhar para complementar a renda. Muitos deles residem no bairro do Pilar e estudam no Ciep 032 Cora Coralina desde o 6º ano.

Para o levantamento de algumas informações pessoais e sobre hábitos e preferências dos alunos em relação à leitura, foi distribuído um questionário (APÊNDICE A). Dos 30 alunos matriculados na turma, responderam ao questionário 27 alunos, dos quais 16 são do gênero masculino (59,26%) e 11 (40,74%) são do gênero feminino.

Com os gráficos seguintes, produzidos com o auxílio do programa “SPSS Statistics”, mostraremos alguns dados obtidos com o questionário.



Gráfico 1 – Profissão/Ocupação do pai

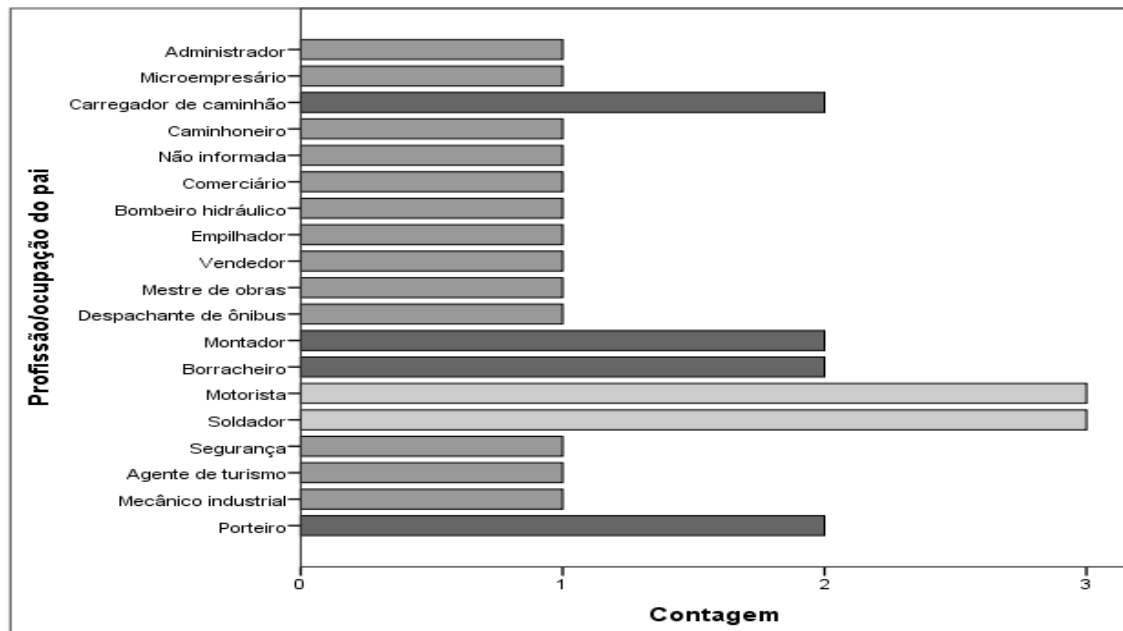
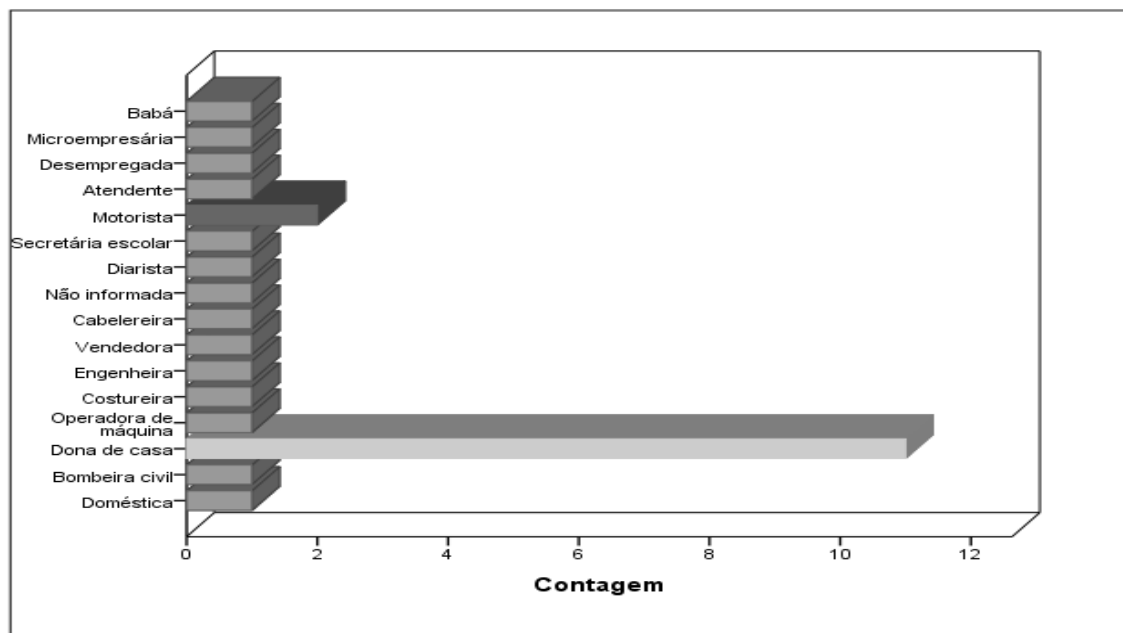
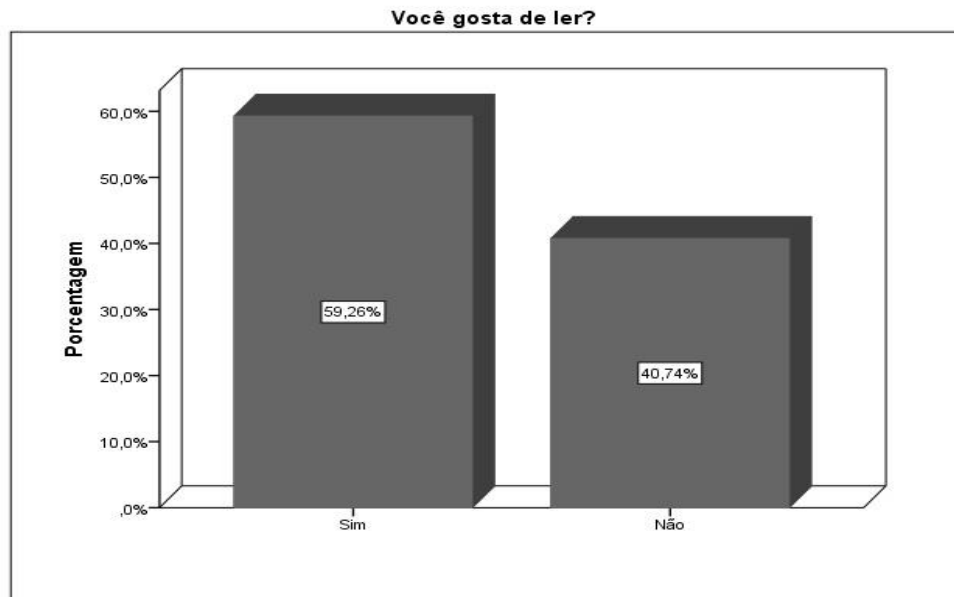


Gráfico 2 – Profissão/Ocupação da mãe



De acordo com os gráficos 1 e 2, os pais e mães dos alunos atuam no setor terciário de economia, ou seja, trabalham nas áreas de comércio, educação, serviços a empresas ou pessoais. Dos 27 alunos que responderam ao questionário, 11 disseram que a mãe exerce a função de dona de casa.

**Gráfico 3**– Gosto pela leitura

Conforme os dados do gráfico 3, constatamos que a turma não é de apreciadores de leitura, visto que somente 59,26% dos alunos afirmam que gostam de ler.

**Gráfico 4**– Incentivo à leitura em casa

Como podemos observar, os dados do gráfico 4 demonstram que o incentivo à leitura nem sempre acontece em casa. 44,4% dos alunos responderam que sempre são incentivados a

ler nesse ambiente; já 55, 56% totalizam o número de alunos que, às vezes e raramente, são incentivados a ler em casa. Muitas vezes, as famílias atribuem à escola a tarefa de instigar o gosto pela leitura, pois acreditam que as escolas terão mais recursos para formar seus filhos.

Em relação à importância da família nas práticas de leitura, Vieira (2004) aponta que:

Sendo, portanto uma miniatura da sociedade, a família se fortalece e como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica (VIEIRA, 2004, p. 4).

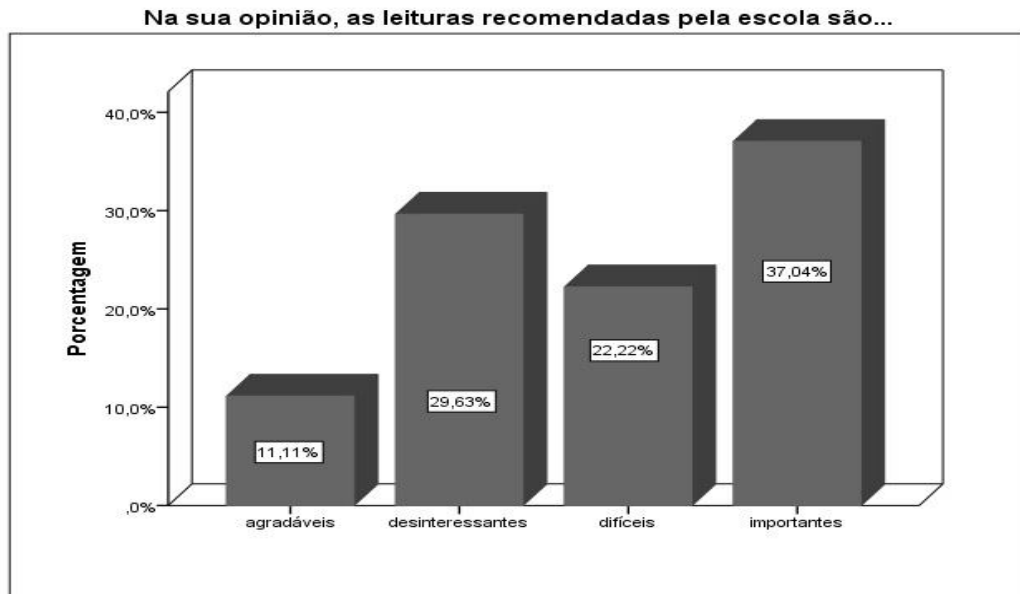
Nesse sentido, cabe ressaltar que a família exerce um importante papel na formação do leitor, visto que é por meio dela que a criança tem seus primeiros contatos com eventos de letramento.

**Gráfico 5**– Incentivo à leitura na escola



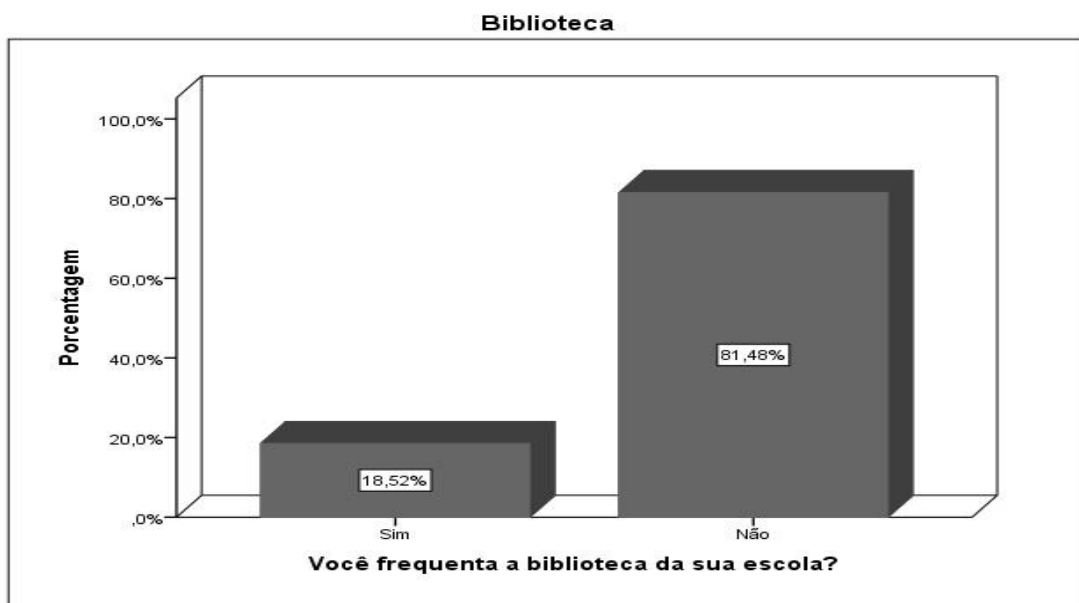
Através do gráfico 5, podemos perceber que apenas 37,04% dos alunos se sentem sempre motivados a ler na escola. Esses dados apontam a importância de buscar estratégias que estimulem a leitura no ambiente escolar

**Gráfico 6**– Opinião sobre as leituras recomendadas pela escola



Em relação às leituras recomendadas pela escola, apesar de 37,04% dos alunos avaliarem como importantes e 11,11% considerarem que são agradáveis, 51,85% correspondem ao total de alunos que as classificam como desinteressantes e difíceis.

**Gráfico 7**– Frequência na biblioteca da escola



No CIEP 032 Cora Coralina, a biblioteca possui um bom acervo e agentes de leitura que atendem em horários diversificados, contemplando os três turnos. Apesar da existência dos

recursos físicos e humanos, o gráfico 7 revela que a maioria dos alunos admite não frequentar a biblioteca.

Os dados coletados, por meio do questionário, revelaram o perfil dos alunos pesquisados e a necessidade da interação entre a instituição familiar e a escola. Por meio deles, percebemos que os alunos não se sentem muito motivados a ler nem no espaço escolar nem no ambiente familiar. Além disso, foi possível constatar que, mesmo considerando a leitura importante, muitos não frequentam a biblioteca, apesar de ela oferecer horário de atendimento flexível e programação com atividades diversificadas.

### **4.3 Critérios para a escolha dos participantes**

A turma escolhida para a realização desta pesquisa iniciou o ano letivo com um total de 38 alunos matriculados, no entanto, devido a motivos diversos, a frequência foi reduzindo ao longo dos bimestres. No quarto bimestre de 2017, período da aplicação da pesquisa, a turma contava com 30 alunos, mas, durante todo o ano letivo, a frequência não fora regular. Na primeira oficina, somente 20 alunos estavam presentes; no primeiro dia da segunda oficina, 19 alunos participaram e, no segundo, 21 alunos; no primeiro dia da terceira oficina, 19 alunos compareceram e, no segundo dia, apenas 17 alunos estavam presentes.

Considerando o princípio de ética que orienta a realização da pesquisa com seres humanos, solicitamos a assinatura do termo de livre esclarecido do termo de consentimento para a utilização das respostas. Dos 17 alunos que participaram da última oficina, somente 10 entregaram os termos assinados. Sendo assim, consideraremos, para fins de análise, as respostas dos alunos que foram autorizados por seus responsáveis.

### **4.4 Critérios para a composição do *corpus* da análise**

Para compor o *corpus* da análise, escolhemos algumas questões aplicadas nas aulas da terceira oficina, pois correspondem ao foco de nossa pesquisa. Assim, agrupamos as questões da seguinte forma:

(i) para entender como o aluno compreende a correspondência dêitica no papel dos participantes na situação comunicativa (dêixis pessoal), analisaremos a questão 1, aplicada na segunda parte da oficina;

(ii) para verificar como o aluno identifica a marcação de tempo em que a narrativa ocorre (dêixis temporal), escolhemos a questão 3, também aplicada na segunda parte;

(iii) para compreender como o aluno percebe a localização espacial, analisaremos a questão 1 (letra C), aplicada na primeira parte da oficina.

Como critério para organização da análise, decidimos seguir o agrupamento acima especificado.

Dessa forma, seguimos analisando<sup>4</sup> questão a questão, tomando por base a compreensão dos elementos dêíticos e diferentes níveis inferenciais de leitura, conforme os níveis propostos por Applegate *et al* (2002).

#### **4.5 Proposta de aplicação de atividade**

Com o objetivo de explicar como os alunos compreendem o gênero crônica por meio da correspondência dêitica entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo, elaboramos uma proposta de aplicação composta por três oficinas. Como já mencionamos na metodologia, para cada oficina, elaboramos atividades baseadas nos estudos de Applegate *et al* (2002) e desenvolvemos estratégias metacognitivas durante a aplicação dessas atividades.

Para a elaboração das atividades, escolhemos três crônicas de Luís Fernando Veríssimo. A obra desse autor destaca-se pela maneira humorística, crítica e reflexiva na abordagem de assuntos do cotidiano e atrai o leitor pelo estilo de linguagem, apresentando muitas marcas de oralidade.

Para viabilizar a aplicação da proposta de atividade, verificamos a disponibilidade de alguns materiais necessários, como: equipamentos tecnológicos, Internet, textos xerografados. Além disso, examinamos a forma como as atividades seriam desenvolvidas, posto que elas seriam divididas em três oficinas, aplicadas em dias distintos da aula de Língua Portuguesa.

---

<sup>4</sup> Na transcrição das respostas, os desvios de ortografia e de pontuação foram mantidos.

Levando-se em consideração as especificidades do ambiente escolar, planejamos as atividades que foram desenvolvidas, pensando nos espaços onde ocorreriam, tais como: sala de aula, auditório, sala de artes, biblioteca, de acordo com a necessidade de utilização de textos, livros ou dispositivos eletrônicos. Dessa forma, solicitamos a cooperação dos funcionários responsáveis por esses espaços, que, imediatamente, se colocaram à disposição para nos ajudar.

Constatadas essas condições, solicitamos o suporte da equipe gestora e equipe pedagógica para assegurar a utilização dos espaços e materiais essenciais para o cumprimento de nosso planejamento. Assim que nossos pedidos foram atendidos, seguimos para a realização de cada etapa das oficinas, em conformidade com o que foi programado e acordado com os envolvidos nesta pesquisa.

## OFICINA 1

### Quadro 1– Oficina 1

<p><b>I – OBJETIVOS:</b></p> <p>Verificar os conhecimentos prévios dos alunos em relação aos elementos do texto narrativo.</p> <p>Contribuir para a compreensão da estrutura e dos elementos da narrativa.</p>
<p><b>1ª ATIVIDADE:</b></p> <p>Ativar o conhecimento prévio dos alunos em relação à estrutura e aos elementos da narrativa.</p>
<p><b>APLICAÇÃO:</b></p> <p>Antes da apresentação dos elementos que compõem a estrutura do texto narrativo, realizamos uma atividade oral com os alunos para averiguar os conhecimentos prévios em relação aos elementos e à estrutura do texto narrativo.</p>
<p><b>2ª ATIVIDADE:</b></p> <p>Apresentar os elementos e a estrutura do texto narrativo e identificar esses elementos no texto <b>A Foto</b>, de Luís Fernando Veríssimo.</p>
<p><b>APLICAÇÃO:</b></p> <p>Por meio de um quadro informativo (Quadro 2), apresentamos os elementos que constituem o texto narrativo e as características dessa tipologia textual.</p>
<p><b>TEMPO DE AULA:</b> 4 aulas de 50 minutos.</p>
<p><b>MATERIAL UTILIZADO:</b> Quadro branco, fotocópias, <i>datashow</i>.</p>

## **Apresentação da oficina 1**

Antes de explorarmos os elementos dêiticos, consideramos importante fazer um estudo sobre a estrutura e os elementos do texto narrativo. Nesse sentido, esta oficina foi desenvolvida para recuperar o conhecimento que o aluno tem a respeito desse assunto e para aprofundar os conceitos que são pertinentes para a compreensão da estrutura narrativa. Ao elaborarmos esta oficina, escolhemos o texto **A Foto**, de Luís Fernando Veríssimo, com a intenção de tornar esses conceitos mais claros, pois trata-se de um texto que atende aos objetivos propostos e aborda um tema atual, possibilitando a ativação dos conhecimentos prévios do aluno.

As narrativas estão sempre presentes em nosso cotidiano e são utilizadas como um recurso para auxiliar a compreensão humana a respeito de questões físicas, políticas e sociais. Contudo, nem sempre a atividade de relatar os fatos do dia a dia acontece de forma coerente, visto que, em alguns casos, o falante/escritor desconhece a estrutura do gênero. Dessa forma, decidimos que a primeira oficina teria como objetivos a compreensão da estrutura e dos elementos da narrativa e a verificação do conhecimento prévio dos alunos sobre esse assunto.

Levando-se em consideração que o conhecimento prévio corresponde a tudo o que o leitor já sabe, ou seja, é o conhecimento que foi assimilado no decorrer de sua vida, antes de apresentarmos o conteúdo, acreditamos ser relevante motivarmos os alunos a falar sobre as principais características do texto narrativo e sobre os elementos que estruturam esse tipo de gênero.

Kleiman (2013) ressalta a importância das experiências, dos conhecimentos prévios do leitor no processamento da leitura. Esses conhecimentos possibilitam fazer previsões e inferências sobre o texto. A autora afirma que o leitor busca pistas formais, formula e reformula hipóteses, faz conclusões, aplicando estratégias alicerçadas no seu conhecimento linguístico e no seu conhecimento de mundo. Segundo Kleiman (2013), “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”.

Para esta oficina, elaboramos um quadro (Quadro 2) sobre a estrutura e os elementos que compõem a narrativa para sistematizar os conhecimentos apresentados pela turma.



**Quadro 2 – Estrutura e Elementos da Narrativa**

<b>ESTRUTURA DA NARRATIVA</b>	
<b>Exposição</b>	Apresentação das personagens e localizações de tempo e espaço.
<b>Complicação</b>	Envolvimento das personagens, trama que gera conflito e tensão.
<b>Clímax</b>	O momento de maior tensão dramática, o conflito atinge um ápice.
<b>Desfecho</b>	Consequências geradas depois da ocorrência do conflito.
<b>ELEMENTOS DA NARRATIVA</b>	
<b>Espaço</b>	É o local onde acontecem os fatos, onde as personagens se movimentam. Existe o espaço “físico”, que é aquele que caracteriza o enredo, e o “psicológico”, que retrata a vivência subjetiva dos personagens.
<b>Tempo</b>	<p>Caracteriza o desencadear dos fatos. Dependendo da intencionalidade do autor, o tempo da narrativa poderá desenvolver-se de forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• cronológica: os fatos são narrados na ordem em que aconteceram. A sucessão das horas, dias, meses, anos é apresentada, na narrativa, de acordo com o tempo físico ou natural.</li> <li>• psicológica: há quebras na ordem cronológica dos fatos. Ora antecipa-se algum fato, ora recua-se no tempo e volta-se ao passado. A narrativa tem um fluxo intimamente ligado ao mundo interior do personagem, a seus conflitos, gerações, reflexões, recordações etc.</li> </ul>
<b>Narrador</b>	<p>É aquele que narra a história, atuando como um mediador entre a história narrada e o leitor/ouvinte. Classifica-se em três modalidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Narrador-personagem: ele conta e participa dos fatos ao mesmo tempo. Nesse caso, a narrativa é contada em 1ª pessoa.</li> <li>• Narrador-observador: apenas limita-se em descrever os fatos sem se envolver com os mesmos. Predomina-se o uso da 3ª pessoa.</li> <li>• Narrador Onisciente: sabe tudo sobre o enredo e as personagens, revelando os sentimentos e pensamentos mais íntimos, de uma maneira que vai além da própria imaginação.</li> </ul>
<b>Personagem</b>	<p>A narrativa é centrada em um conflito vivido pelas personagens, que são os elementos essenciais na construção desse tipo de texto. Podemos classificar as personagens em:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planas (lineares) - Constituídas de uma única ideia ou qualidade; carecem de profundidade.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redondas - São complexas, bem acabadas interiormente, repelem todo o intuito de simplificação. São também chamadas de multiformes, e nos surpreenderão porque evoluem na narrativa.</li> <li>• Principais e secundárias - A referência serve para designar que às principais cabe sustentar, como eixo, todos os fatos inerentes à narrativa. Às secundárias cabe dar suporte à continuidade da história, intermediando as ações e girando ao redor das principais como seres complementares.</li> <li>• a) Protagonistas – conduzem as ações e sustentam o eixo narrativo.</li> <li>• b) Antagonistas – dificultam os planos das personagens protagonistas.</li> <li>• c) Secundárias - coauxiliam no desenvolvimento da história.</li> </ul>
--	---

Além da estrutura e dos elementos que compõem a narrativa, consideramos relevante a ativação de conhecimentos prévios a partir do título do texto. Para a realização dessa atividade, utilizamos as perguntas apresentadas no Quadro 3.

**Quadro 3** – Ativação de conhecimento prévio

<b>Atividade</b>	<b>Relato pessoal</b>
O que o título do texto sugere?	
O que pode esperar que aconteça na história?	
Você gosta de tirar fotos? Por quê?	
Geralmente, nas fotografias, você está sozinho ou acompanhado?	

Assim, para compreender a estrutura e os elementos da narrativa, separamos o texto **A Foto** e solicitamos que os alunos respondessem às perguntas elaboradas para compor as atividades desta oficina.

## TEXTO I: A Foto

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

– Tira você mesmo, ué.

– Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

– Tiro eu – disse o marido da Bitinha.

– Você fica aqui – comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse. “Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar”, dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

– Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse o filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas Andradina segurou o filho.

– Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

– Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem *timer*!

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num *duty free* da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era “Dutifri”, mas ele não sabia.

– Revezamento – sugeriu alguém – Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta do bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

– Dá aqui.

– Mas seu Domício...

- Vai pra lá e fica quieto.
- Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!
- Eu fico implícito – disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 37-38.

1 – Você sentiu-se motivado a ler o texto a partir do título? Por quê?

---



---

2 – A partir da leitura do texto, pode-se inferir que:

- (a) a família estava preocupada em homenagear o bisavô.
- (b) os integrantes da família demonstraram capricho e vaidade. (X)
- (c) alguns familiares não se importavam em aparecer na foto.
- (d) os integrantes da família se relacionam bem.

Justifique: \_\_\_\_\_

---



---

3 – Releia o primeiro parágrafo do texto.

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

a) O foco narrativo é o ponto de vista a partir do qual é feita a narração. No texto **A Foto**, qual é o foco narrativo?

---

b) Observe o fragmento destacado e retire dele palavras que indiquem o foco narrativo.

---

4 – Em sua opinião, o fato narrado pode ser considerado real ou fictício? Justifique.

---



---

5 – As personagens podem ser classificadas de acordo com a relevância que possuem no desenrolar da narrativa. Como você classificaria as personagens do texto **A Foto**? Justifique sua resposta.

---



---

6 – Levando-se em consideração que o conflito é o responsável pelo desencadeamento da trama, a) o que gerou o conflito?

---



---

b) como esse conflito poderia ser resolvido hoje em dia?

---



---

7 – Observe o trecho abaixo:

“Eu fico **implícito** – disse o velho, já com o olho no visor.”

A partir da palavra destacada, podemos inferir que o bisavô:

- (a) considerava sua presença indispensável na fotografia.
- (b) queria fotografar, mas também desejava aparecer na foto.
- (c) ficou irritado com a ausência de um fotógrafo.
- (d) teria sua presença subentendida na fotografia.

Justifique: \_\_\_\_\_

---

8 – A narrativa é composta por vários acontecimentos que podem ser separados em partes:

<b>Exposição</b>	apresentação das personagens e localizações de tempo e espaço.
------------------	--

<b>Complicação</b>	envolvimento das personagens, trama que gera conflito e tensão.
<b>Clímax</b>	o momento de maior tensão dramática, o conflito atinge um ápice.
<b>Desfecho</b>	consequências geradas depois da ocorrência do conflito.

De acordo com o texto lido, que fatos resumem o desfecho?

---



---

9 – O texto **A Foto** é uma crônica. A crônica é um tipo de texto narrativo que mescla jornalismo e literatura. Caracteriza-se por desenvolver temas relacionados ao cotidiano, envolvendo ficção, fantasia e crítica social. Em geral, o leitor pressuposto desse tipo de texto é o leitor de jornal ou de revista.

Em sua opinião, os fatos narrados foram descritos de modo interessante para o leitor a que se dirigem? Justifique sua resposta.

---



---

Logo após a conclusão da atividade, visando reforçar os conteúdos abordados nesta oficina, com o auxílio do *Datashow*, fizemos uma exposição sobre a estrutura e os elementos que compõem o texto **A Foto**, de Luís Fernando Veríssimo.

## OFICINA 2

### Quadro 4 – Oficina 2

<p><b>I – OBJETIVOS:</b></p> <p>Identificar os elementos organizacionais e estruturais da crônica.</p> <p>Compreender os recursos de estilo e linguagem do gênero crônica.</p>
<p><b>1ª ATIVIDADE:</b></p>

Exibir o vídeo <b>A estrutura e características da crônica</b> , da série <b>Palavra Puxa Palavra</b> , produzido pela MultiRio, disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg">https://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg</a> .
<b>APLICAÇÃO</b> Por meio do projetor, exibimos o vídeo <b>A estrutura e as características da crônica</b> . Logo em seguida, as principais características do gênero foram apresentadas na lousa.
<b>2ª ATIVIDADE:</b> Exibir o vídeo sobre a vida e obra de Luís Fernando Veríssimo, disponível em <a href="https://www.youtube.com/watch?v=MFVepPmcLY4">https://www.youtube.com/watch?v=MFVepPmcLY4</a> . Apresentar os elementos e a estrutura da crônica, e identificar esses elementos nos textos <b>A Foto</b> e <b>A aliança</b> , de Luís Fernando Veríssimo.
<b>APLICAÇÃO:</b> Exibimos o vídeo <b>É notícia: Luís Fernando Veríssimo, escritor (1)</b> e, em seguida, solicitamos a leitura dos textos <b>A Foto</b> e <b>A aliança</b> . Depois da leitura, os alunos foram motivados a identificar os elementos que são comuns nas crônicas lidas.
<b>TEMPO DE AULA:</b> 4 aulas de 50 minutos.
<b>MATERIAL UTILIZADO:</b> Quadro branco, fotocópias, <i>datashow</i> , caixas de som.

## Apresentação da oficina 2

Nesta oficina, buscamos apresentar as características e as especificidades do gênero crônica. Assim, para a composição das atividades, escolhemos duas crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Levando em consideração que o texto **A Foto** foi utilizado na oficina anterior, na qual buscava-se compreender a estrutura da narrativa, nesta oficina, ele foi analisado para o entendimento do gênero crônica.

Para esta oficina, além de os verificar o conhecimento prévio dos alunos (Kleiman, 2013), objetivamos fazer com que esses alunos assimilem os recursos de estilo e linguagem por meio da identificação dos elementos organizacionais no texto **A aliança**.

Como já dissemos em outro momento, selecionamos três crônicas de Luís Fernando Veríssimo para a compor as atividades das oficinas. Desse modo, consideramos relevante apresentarmos a vida e a obra do autor aos alunos. Assim, nesta oficina, apresentamos dois vídeos: o primeiro sobre as características do gênero, produzido pela MultiRio; e o segundo sobre a vida do escritor.

## TEXTO II: A aliança

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jangal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o portamalas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.

Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

- Você não sabe o que me aconteceu!
  - O quê?
  - Uma coisa incrível.
  - O quê?
  - Contando ninguém acredita.
  - Conta!
  - Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?
  - Não.
  - Olhe.
- E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.
- O que aconteceu?



E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

– Que coisa - diria a mulher, calmamente.

– Não é difícil de acreditar?

– Não. É perfeitamente possível.

– Pois é. Eu...

– SEU CRETINO!

– Meu bem...

– Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

– Mas, meu bem...

– Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações. Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada, nada. E, finalmente:

– Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei. Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava um crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

– O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 21-23.

Para analisarmos como os alunos assimilaram os recursos discursivos e linguísticos, empregados no texto **A Aliança**, elaboramos algumas questões que foram aplicadas em duas partes.

**Atividade de identificação dos recursos discursivos e linguísticos na crônica A Aliança,  
de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – De acordo com o **Dicionário Aurélio de Português Online**, o substantivo aliança pode ser definido como:

- 1 - Laço que prende duas ou mais entidades que se prometem mútua amizade e auxílio.
- 2 - Laço existente entre duas famílias, mediante casamento.
- 3 - Anel liso de ouro, que simboliza o casamento ou um comprometimento.

Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27

Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/alianca>>. Acesso em: 10 Out. 2017

a) Que outro sentido você atribuiria à palavra “aliança”?

---

b) Você considera que o título resume bem a história narrada? Por quê?

---



---

2 – Geralmente, as crônicas trazem algum detalhe do cotidiano a partir de uma perspectiva pessoal e/ou inusitada. Qual(is) detalhe(s) do cotidiano você identificou na crônica lida?

---



---

3 – A partir da leitura da crônica, pode-se afirmar que foi estabelecida uma oposição entre verdade e mentira.

a) Você conseguiu identificar essa oposição? Justifique sua resposta.

---



---



---

b) Em sua opinião, quais consequências a mentira traz para um relacionamento? Justifique.

---

---

4 – As personagens são os seres que atuam na narrativa e podem ser classificadas de acordo com sua importância para o enredo. De acordo com as informações do texto e de acordo com os seus conhecimentos desenvolvidos nesta oficina, como você classificaria as personagens do texto **A aliança**? Justifique sua resposta.

---

---

5 – Na crônica lida, o narrador que antes parecia distante, coloca-se de forma mais próxima da personagem central. Releia o primeiro parágrafo e transcreva a palavra que marca essa proximidade.

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o *apartheid*, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

---

6 – A crônica **A aliança** sugere que as mulheres nunca acreditam nas explicações que os homens dão quando se referem a assuntos relacionados ao relacionamento. O que o marido disse à esposa para tentar convencê-la de sua sinceridade?

---

---

**Atividade de identificação dos recursos discursivos e linguísticos na crônica A Aliança,  
de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Observe o trecho abaixo:

Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em *Samarkand*, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jangal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências...

A partir desse trecho, podemos inferir que o homem:

- (a) parece satisfeito com a vida que tem.
- (b) teve os sonhos de infância concretizados na maturidade.
- (c) tinha esperanças em ser dono de um cassino.
- (d) parece ter uma vida entediante em relação aos sonhos que tinha na infância.

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 – Releia o trecho abaixo:

Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o portamalas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.

Por que podemos dizer que descrição da cena provoca suspense?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3 – Observe o fragmento selecionado:

– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei. Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava um crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

a) Em sua opinião, como seria o desenrolar da trama se o marido contasse a verdade?

---



---

b) Nesse fragmento, há uma quebra de expectativa estabelecida pela confissão de uma suposta traição. Que expectativa era esperada?

---



---

c) Que outro desfecho você daria à história?

---



---

4 – Por que podemos afirmar que o texto **A aliança** encaixa-se no gênero crônica?

---



---

### OFICINA 3

#### Quadro 5 – Oficina 3

<p><b>I – OBJETIVOS:</b></p> <p>Caracterizar os elementos dêiticos.</p> <p>Reconhecer e relacionar a presença dos elementos dêiticos no discurso às pessoas, ao tempo e ao espaço da narrativa.</p> <p>Entender os processos de compreensão do leitor através dos elementos dêiticos presentes na narrativa.</p>
<p><b>1ª ATIVIDADE:</b></p> <p>Conceituar dêixis e caracterizar os elementos dêiticos.</p>
<p><b>APLICAÇÃO:</b></p> <p>Conceituamos a dêixis e explicamos a relação dos elementos dêiticos na organização da narrativa.</p>
<p><b>2ª ATIVIDADE:</b></p>

Identificar os elementos dêiticos e relacioná-los às pessoas, ao tempo e ao espaço, no texto <b>A mentira</b> , de Luís Fernando Veríssimo.
<b>APLICAÇÃO:</b> Logo após a releitura do texto <b>A mentira</b> , conduzimos os alunos à realização da atividade de identificação dos elementos dêiticos na narrativa. Além de identificar, os alunos também classificaram esses elementos em dêiticos pessoais, temporais e espaciais.
<b>TEMPO DE AULA:</b> 4 aulas de 50 minutos.
<b>MATERIAL UTILIZADO:</b> Quadro branco, fotocópias, <i>datashow</i> .

### Apresentação da oficina 3

A dêixis relaciona-se à função dos pronomes pessoais e demonstrativos, dos tempos e de uma diversidade de termos gramaticais e lexicais que associam enunciados às coordenadas espaço-temporais do ato de enunciar. Segundo Bühler (1982), os dêiticos são termos referenciais que dependem da situação enunciativa para ter significado completo. Dessa forma, para compreender os elementos dêiticos, é preciso conhecer a pessoa, o tempo e o espaço no ato enunciativo.

Sabendo que os elementos dêiticos enriquecem o sentido do texto e contribuem para que haja ligação entre as informações do texto e a situação enunciativa, com esta oficina pretendemos caracterizar os elementos dêiticos e levar os alunos a identificar esses elementos, estabelecendo relação entre eles e as pessoas, o tempo e o espaço da narrativa.

Assim, antes de propor uma atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica **A mentira**, conceituamos o termo dêixis e apresentamos o quadro (Quadro 6) com as unidades linguísticas que podem funcionar como elementos dêiticos.

#### Quadro 6 – Elementos dêiticos

<b>DÊIXIS PESSOAL (Indicação de Pessoa)</b>
Designa as pessoas que participam no ato de enunciação.
Integram este grupo:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• os <b>pronomes pessoais</b> de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa: eu, tu, nós, vós, me, te, nos, vos...;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• os <b>determinantes e pronomes possessivos</b> de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa: meu, teu, nosso, vosso...;</li> <li>• os <b>sufixos flexionais de pessoa-número</b>: cantas, cantamos...;</li> <li>• os <b>vocativos</b>.</li> </ul>
<b>DÊIXIS ESPACIAL (Indicação de Espaço)</b>
Indica a localização espacial de indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que decorre a enunciação.
<p>Integram os dêiticos espaciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• os <b>advérbios</b> com <b>valor locativo</b> (= de lugar): aqui, ali, além, cá, lá...;</li> <li>• as <b>locuções adverbiais</b> com <b>valor locativo</b>: aqui perto, lá de cima...;</li> <li>• os <b>pronomes e determinantes demonstrativos</b>: este, esse, aquele, aquilo, o outro, o mesmo...;</li> <li>• alguns <b>verbos que indicam movimento</b>: ir, vir, trazer, levar, partir, chegar, aproximar-se, afastar-se, subir, entrar, sair, descer...;</li> <li>• algumas <b>preposições e locuções prepositivas</b>: perante, ao lado de...</li> </ul>
<b>DEIXIS TEMPORAL (Indicação de Tempo)</b>
Situa, no tempo, acontecimentos relacionados à enunciação (o momento da enunciação e o que, em simultâneo, ocorre com ela; o que acontece antes do momento da enunciação; o que o locutor pensa que acontecerá depois).
<p>Integram os dêiticos temporais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• os <b>advérbios de tempo</b>: ontem, hoje, amanhã...;</li> <li>• <b>locuções adverbiais</b> ou <b>expressões de tempo</b>: na semana passada, no dia seguinte, no próximo mês...;</li> <li>• <b>formas temporais da conjugação verbal</b>: falávamos, cantarás...;</li> <li>• alguns <b>adjetivos</b>: futuro, atual, contemporâneo...;</li> <li>• alguns <b>nomes</b>: véspera...;</li> <li>• algumas <b>preposições e locuções prepositivas</b>: após, depois de, antes de...</li> </ul>

### TEXTO III: A Mentira

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e declarou que, de maneira nenhuma, não iria jantar na casa de ninguém. Maria disse que o jantar estava marcado há uma semana e seria uma falta de consideração com Pedro e Luíza, que afinal eram seus amigos, deixar de ir. João reafirmou que não ia.

Encarregou Maria de telefonar para Luíza e dar uma desculpa qualquer. Que marcassem o jantar para a noite seguinte. Maria telefonou para Luíza e disse que João chegara em casa muito abatido, até com um pouco de febre, e que ela achava melhor não tirá-lo de casa àquela noite. Luíza disse que era uma pena, que tinha preparado um *Blanquette de Veau* que era uma beleza, mas que tudo bem. Importante é a saúde e é bom não facilitar.

Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor. João tomou banho, jantou e foi se deitar. Maria ficou na sala vendo televisão. Ali pelas nove bateram na porta. Do quarto, João, que ainda não dormira, deu um gemido. Maria, que já estava de camisola, entrou no quarto para pegar seu robe de chambre. João sugeriu que ela não abrisse a porta. Naquela hora só podia ser chato. Ele teria que sair da cama. Que deixasse bater. Maria concordou. Não abriu a porta. Meia hora depois, tocou o telefone, acordando João. Maria atendeu. Era Luíza, querendo saber o que tinha acontecido.

– Por quê? - perguntou Maria.

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.

– Vocês estiveram aqui?

– Para saber como estava o João. O Pedro disse que andou sentindo a mesma coisa há alguns dias e queria dar umas dicas. O que houve?

– Nem te conto – contou Maria, pensando rapidamente. – O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

– O quê? Então é grave.

– A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

– Apareceram pintas vermelhas no rosto – sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.

– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.

– Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?

– Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.



- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!
- Espere!

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

– Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

– Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

– Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

– Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

– Não vão saber que hospital é.

– Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a *Blanquette de Veau* perdida.

– Então bota aí: "João piorou subitamente. Médico achou melhor interná-lo na sua clínica particular. O telefone lá é 236-6688."

– Mas esse é o telefone do seu escritório.

– Exato. Iremos para lá e esperaremos o telefonema deles.

– Vamos embora!

Deixaram o bilhete preso na porta. Apertaram o botão do elevador. O elevador já estava subindo. Eram eles!

– Pela escada, depressa!

O carro de Pedro estava barrando a saída da garagem do edifício. Não podiam usar o carro. Demoraram para conseguir um táxi. Quando chegaram ao escritório de João, que perdeu mais tempo explicando ao porteiro a sua presença ali no meio da noite, o telefone já tocando. Maria apertou o nariz para disfarçar a voz e atendeu:

– Clínica Rochedo.

"Rochedo?!", espantou-se João, que se atirara, ofegante, numa poltrona.

– Um momentinho, por favor - disse Maria.

Tapou o fone e disse para João que era Luíza. Que mulherzinha! O que a gente faz para preservar uma amizade. E não passar por mentiroso. Maria voltou ao telefone.

– O Sr. João está no quarto 17, mas não pode receber visitas. Sua senhora? Um momentinho, por favor.

Maria tapou o fone outra vez.

– Ela quer falar comigo.

Atendeu com a sua voz normal.

– Alô, Luíza? Pois é. Estamos aqui. Ninguém sabe o que é. Está com pintas vermelhas por todo o corpo e as unhas estão ficando azuis. O quê? Não, Luíza, vocês não precisam vir para cá.

– Diz que é contagioso - sussurrou João, que com a cabeça atirada para trás preparava-se para retomar seu sono na poltrona.

– É contagioso. Nem eu posso chegar perto dele. Aliás, eles vão evacuar toda a clínica e colocar barreiras em todas as ruas aqui perto. Estão desconfiados de que é um vírus africano que...

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 39-43.

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

---

b) Que solução você daria ao conflito?

---



---



---

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

---



---

---



---



---

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

---



---



---

2 – Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

– O quê? Então é grave.

– A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

– Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.

– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.

– Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?

– Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.

– Como é que ele está agora?

– Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.

– Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

---



---

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

---



---

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

---



---



---

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

---



---



---



---

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

( 1 ) Narrador

( 2 ) João

( 3 ) Maria

( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) (    )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) (    )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) (    )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) (    )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

---

b) Como você conseguiu identificá-los?

---

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a *Blanquette de Veau* perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS


4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui?**” (linha 21)

---

b) “[...] Estamos **aqui.**” (linha 71)

---

c) “[...] vocês não precisam vir para **cá.**” (linha 63)

---

d) “É por isso que vêm para **cá.**” (linha 41)

---

e) - Bota **aí:** "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo." (linha 44)

---

f) “– Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)

---

g) “– Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)

---

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.

---

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

---

#### **4.6 RELATO DA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS**

Considerando a relevância do registro como um modo do docente refletir sobre sua prática pedagógica, o relato dessas vivências, de certa forma, corrobora com as reflexões feitas durante o desenvolvimento do trabalho.

Nesse sentido, com a finalidade de refletir sobre nosso fazer pedagógico, apresentamos, nesta seção, as observações feitas durante o desenvolvimento das aulas que corresponderam às oficinas propostas.

##### **Oficina 1**

<b>Tempo previsto:</b>	4 aulas de 50 minutos
<b>Objetivos:</b>	Verificar os conhecimentos prévios dos alunos em relação aos elementos do texto narrativo; Contribuir para a compreensão da estrutura e dos elementos da narrativa.
<b>Alunos participantes:</b>	20

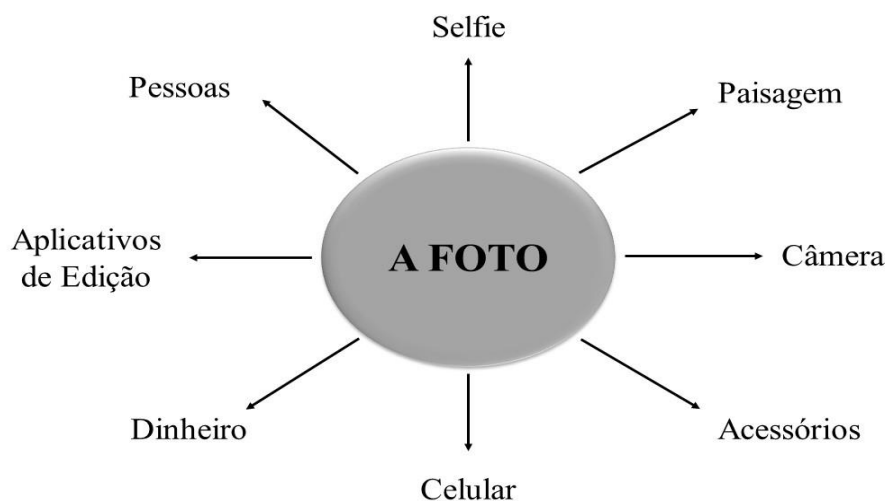
Tendo em vista que, ao ativar as estratégias metacognitivas, o leitor desperta a consciência para o desenvolvimento da leitura, possibilitando-o autorregular os processos cognitivos e potencializar seu aprendizado, buscamos, em todas as oficinas, desenvolver as estratégias metacognitivas sugeridas por Brown (1980). Além disso, como já mencionamos anteriormente, todas as atividades foram desenvolvidas com diferentes níveis de leitura.

Assim, no primeiro momento da oficina, desenvolvemos uma atividade pré-textual para verificar o conhecimento prévio da turma. Para ativar esses conhecimentos, perguntamos aos alunos o que eles conheciam sobre texto narrativo. Nesse momento, alguns alunos falaram o que sabiam sobre o assunto, e nós aproveitamos a oportunidade para elencar as características e os elementos citados na lousa.

Depois da discussão sobre o que foi apresentado pelos alunos, entregamos aos alunos o quadro (Quadro 2) com a estrutura e os elementos da narrativa e explicamos o conteúdo desse quadro.

Em seguida, a aula prosseguiu com um jogo de livre associação a partir do título da crônica escolhida para esta oficina. Objetivando, mais uma vez, a ativação de conhecimentos prévios, escrevemos o título do texto na lousa, e pedimos à turma para citar algumas palavras e expressões que poderiam ser associadas a ele. A partir dessa atividade, os alunos demonstraram mais interesse em participar da aula. A imagem abaixo reflete as associações feitas pelos alunos.

**Imagem 3** – Imagem baseada nas associações feitas na atividade pré-textual, realizada na primeira oficina



Essa atividade, possibilitou que, ao mencionarem palavras e expressões que pudessem ser associadas ao título, os alunos também levantassem hipóteses sobre o conteúdo do texto. Solé (2009, p.27) assevera que “quando levantamos hipóteses e vamos lendo, vamos compreendendo e, se não compreendemos, nos damos conta e podemos empreender as ações necessárias para resolver a situação”.



Finalizada essa atividade de livre associação que, apesar de breve, contribuiu para motivar os alunos a ler o texto, distribuimos uma folha de atividade (APÊNDICE B) que foi elaborada para ser aplicada antes da leitura da crônica.

Após a realização da atividade da folha, os alunos receberam o texto **A Foto**, de Luís Fernando Veríssimo. Nesse momento, eles fizeram a leitura silenciosa do texto, e, em seguida, foi realizada uma leitura compartilhada.

Concluída a leitura, passamos à análise do texto com a resolução de exercícios para verificar a compreensão da estrutura e dos elementos da narrativa. Depois de responder às questões, os alunos foram, outra vez, organizados em grupos para a comparação e discussão das respostas dadas individualmente.

No final da oficina, fizemos, oralmente, uma revisão dos principais pontos discutidos na aula, identificando os aspectos do texto que foram considerados importantes pelos alunos.

Nesta oficina, observamos que a atividade de conhecimento prévio, realizada por meio do jogo de livre associação, motivou a participação dos alunos. A partir dela, eles mostraram grande interesse em participar da oficina. Destacamos também a relevância das discussões feitas em grupo para a compreensão dos conteúdos ministrados.

Durante a realização dos exercícios da última etapa da oficina, muitos alunos solicitaram auxílio algumas vezes, demonstrando preocupação em desenvolver a atividade.

## Oficina 2

<b>Tempo previsto:</b>	4 aulas de 50 minutos, divididas em dois dias de aplicação.
<b>Objetivos:</b>	Identificar os elementos organizacionais e estruturais da crônica; Compreender os recursos de estilo e linguagem do gênero crônica.
<b>Alunos participantes:</b>	19 (no primeiro dia) e 21 (no segundo dia).

O primeiro dia da segunda oficina iniciou com alguns questionamentos que fizemos, objetivando descobrir o que os alunos entendiam sobre o gênero crônica.

Assim, foram feitas as seguintes perguntas:

<p>Para você, o que seria uma crônica? Você recorda-se de ter lido alguma crônica?</p>
--

A partir das respostas que foram dadas às perguntas, foi realizada uma breve discussão com a turma e outras perguntas foram surgindo. Depois de investigados os conhecimentos prévios da turma, prosseguimos com a exibição do vídeo **A estrutura e as características da crônica**, da série **Palavra Puxa Palavra**, produzido pela MultiRio.

Logo após, buscando verificar o que os alunos compreenderam, fizemos alguns questionamentos a respeito das informações apresentadas no vídeo. Nesse momento, foi desenvolvida uma atividade em grupo, na qual relacionamos, com a ajuda dos alunos, algumas características da crônica. Dessa atividade, resultou o seguinte quadro:

**Quadro 7** – O gênero crônica

<b>CRÔNICA</b>			
<b>Características</b>	<b>Tipos</b>	<b>Veículos de divulgação</b>	<b>Cronistas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo cronológico;</li> <li>• Texto curto;</li> <li>• Assuntos do cotidiano;</li> <li>• Marcas de oralidade;</li> <li>• Personagens comuns;</li> <li>• Tons de ironia, sátira, humor e crítica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórica;</li> <li>• Descritiva;</li> <li>• Narrativa;</li> <li>• Dissertativa;</li> <li>• Jornalística;</li> <li>• Lírica;</li> <li>• Humorística.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jornais;</li> <li>• Revistas</li> <li>• Livros;</li> <li>• Sites.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fernando Sabino</li> <li>• João Ubaldo Ribeiro</li> <li>• Luís Fernando Veríssimo</li> <li>• Rubem Braga</li> <li>• Marina Colasanti</li> <li>• Artur Xexéo</li> <li>• Machado de Assis</li> <li>• João do Rio</li> <li>• Carlos Drummond de Andrade</li> </ul>

A aula prosseguiu com um jogo de livre associação com o título do texto que foi escolhido para a realização dos exercícios sobre os recursos discursivos e linguísticos do gênero crônica. Assim como na primeira oficina, escrevemos o título do texto na lousa, e solicitamos a turma para mencionar algumas palavras e expressões que poderiam ser associadas a ele. Dessa forma, foram obtidas as associações refletidas na imagem que segue:

Imagem 4 - Imagem baseada nas associações feitas na atividade pré-textual, realizada na primeira oficina 2

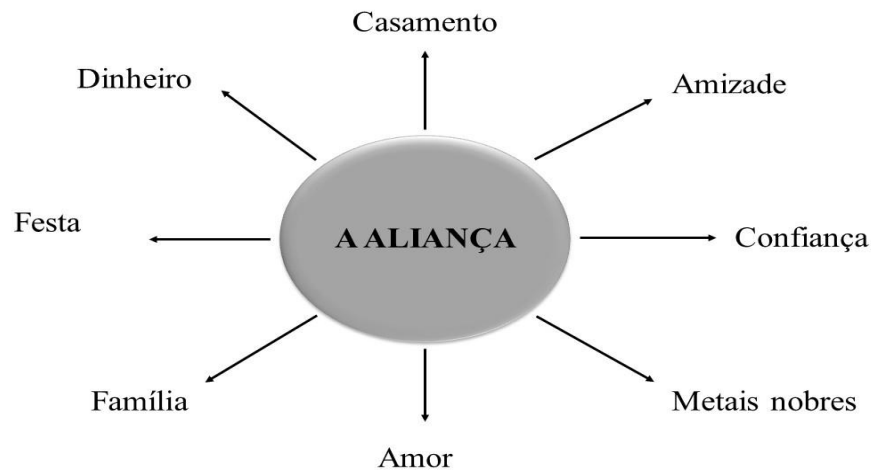


Imagem baseada nas associações feitas na atividade pré-textual, realizada na segunda oficina.

Em seguida, entregamos aos alunos uma cópia dos textos **A Foto** e **A Aliança** e explicamos os objetivos da leitura. Primeiramente, pedimos uma leitura individual, seguida de uma leitura compartilhada com a turma. Depois da leitura, com o auxílio de um *Datashow*, o texto **A Foto** foi projetado para que os elementos e os recursos linguísticos do gênero crônica fossem destacados.

Ao concluir a análise do texto **A Foto**, a turma foi conduzida à realização de uma atividade (APÊNDICE C) que objetivava analisar os recursos discursivos e linguísticos do texto **A Aliança**. Desse modo, foi possível verificar como os alunos assimilaram os conteúdos desenvolvidos na oficina.

No segundo dia da oficina, o primeiro momento foi dedicado ao cronista Luís Fernando Veríssimo, autor escolhido para compor as atividades desta pesquisa.

Para apresentar o autor das crônicas escolhidas para a realização das oficinas, exibimos um vídeo no qual foi apresentada uma entrevista com Luís Fernando Veríssimo. Dessa maneira, a turma pôde conhecer um pouco sobre a vida e produção literária desse autor.

Depois do vídeo sobre o cronista, a aula prosseguiu com uma breve discussão com o objetivo de verificar se os alunos conheciam outros cronistas ou se eles lembravam-se de alguma crônica que lhes chamou a atenção.

Depois dessa discussão, distribuimos a segunda parte da atividade (APÊNDICE D) sobre os recursos discursivos e linguísticos do texto **A Aliança**.

Ao término dessa atividade, objetivando a identificação desses recursos discursivos e linguísticos, separamos os alunos em grupos e projetamos o texto **A Aliança**.

Nesta oficina, destacamos que a participação da turma na produção do quadro sobre o gênero crônica foi muito relevante. Além disso, a receptividade em relação aos vídeos foi boa.

Assim como na primeira oficina, a atividade de associação foi bastante apreciada por todos, contribuindo para a leitura do texto. Ao longo da leitura e da realização da atividade de análise dos recursos discursivos e linguísticos, a turma manifestou grande interesse pelo texto.

### Oficina 3

<b>Tempo previsto:</b>	4 aulas de 50 minutos, divididas em dois dias de aplicação.
<b>Objetivos:</b>	Caracterizar os elementos dêiticos; reconhecer e relacionar a presença dos elementos dêiticos no discurso às pessoas, ao tempo e ao espaço da narrativa; Entender os processos de compreensão do leitor através dos elementos dêiticos presentes na narrativa.
<b>Alunos participantes:</b>	19 (no primeiro dia) e 17 (no segundo dia).

No primeiro dia da terceira e última oficina, iniciamos a aula, conceituando o termo dêixis e explicamos o conteúdo do quadro (Quadro 6). Para que os alunos compreendessem melhor a função dos dêiticos, foi necessário revisar algumas classes gramaticais. Em decorrência dessa revisão gramatical, a atividade levou bastante tempo para ser concluída.

Continuamos a oficina com uma breve explicação sobre o quadro (Quadro 2). Depois da explicação, buscando motivar os alunos, repetimos o jogo de livre associação com o título do texto **A mentira**. Da mesma forma como nas oficinas anteriores, escrevemos o título do texto na lousa e solicitamos que a turma dissesse algumas palavras e expressões que poderiam ser associadas a ele.

Depois da realização dessa atividade, distribuímos o texto **A mentira** (ANEXO E), de Luís Fernando Veríssimo. Para dar continuidade, solicitamos que os alunos fizessem uma leitura silenciosa, seguida de uma leitura compartilhada.

Logo após a leitura, os alunos foram conduzidos à realização da atividade de identificação dos elementos dêiticos na narrativa (APÊNDICE E). Além de identificar, os alunos também classificaram esses elementos em dêiticos pessoais, temporais e espaciais.

No segundo dia da oficina, iniciamos com uma explicação sobre os elementos dêiticos presentes nas crônicas **A Foto** e **A Aliança**. Após explicação, conduzimos os alunos à identificação dos elementos dêiticos na narrativa. Para isso, projetamos, por meio do *Datashow*, os textos das oficinas anteriores. Nessa atividade, os alunos fizeram a releitura dos textos e depois identificaram o QUEM, o ONDE e o QUANDO.

Depois de verificarmos as identificações feitas pelos alunos, concluímos a oficina com a segunda parte dos exercícios (APÊNDICE F).

## 5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Nesta pesquisa, acreditamos que, no desenvolvimento da compreensão do texto associado aos processos cognitivos em relação à leitura, o sujeito organiza os acontecimentos através de coordenadas pessoais e espaço-temporais das cenas. Tratando-se desta pesquisa, entendemos que a compreensão da narração relaciona-se aos elementos dêiticos que correspondem à personagem (QUEM), situada no espaço (ONDE) e no tempo (QUANDO).

Para a aplicação das atividades das três oficinas, buscamos suporte nas estratégias metacognitivas sugeridas por Brown (1980) e, para compor as atividades pedagógicas, desenvolvemos questões de compreensão do texto, baseadas nos diferentes níveis de leitura propostos por Applegate *et al* (2002), por meio dos quais foi possível compreender o processo cognitivo do leitor em situações do aprendizado da leitura tendo, como suporte linguístico, as coordenadas dêiticas na organização do texto narrativo.

Nas seções deste capítulo, apresentaremos a análise das respostas como contempladoras dos comandos dêiticos em diferentes níveis inferenciais de leitura.

### 5.1 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis pessoal

Levando-se em consideração a relevância da identificação dos participantes no evento narrativo, nesta seção, analisaremos uma questão na qual buscamos compreender como o aluno reconhece as personagens e o narrador.

Essa questão foi aplicada na segunda parte da oficina e sua elaboração teve como referência o baixo nível inferencial (APPLEGATE *et al*, 2002).

<b>TEXTO</b>	Crônica <b>A Mentira</b>
<b>Questão 1</b> (Questão de baixo nível inferencial.)	Na crônica <b>A Mentira</b> , verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a

	<p>amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos<sup>5</sup>:</p> <p>( 1 ) Narrador  ( 2 ) João  ( 3 ) Maria  ( 4 ) Luiza</p> <p>“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) (   )</p> <p>“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) (   )</p> <p>“– O quê? Então é grave.” (linha 26) (   )</p> <p>“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha12) (   )</p>
--	--

De acordo com Benveniste (1995), as pessoas enunciativas são aquelas que participam do ato comunicativo. Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro enunciadores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga).

Nessa questão, buscamos compreender essa heterogeneidade de vozes que, evidenciada no discurso direto, proporciona mais dinamicidade às ações da narrativa. Dessa forma, para respondê-la, o aluno precisa codificar o papel dos participantes no evento.

De um total de dez respostas, sete fizeram a relação entre os trechos destacados e os participantes do evento narrativo, como se verifica nas respostas abaixo:

<p>“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )</p> <p>“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )</p> <p>“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )</p> <p>“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha12) ( 1 )</p>
---

<sup>5</sup> Esses trechos foram sinalizados, levando-se em consideração a formatação de página do texto que foi entregue aos alunos durante a oficina.

Apenas três alunos não conseguiram identificar todos os participantes da situação comunicativa:

**Aluno (1)**

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )  
 “– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )  
 “– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 3 )  
 “Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha12) ( 1 )

Podemos perceber que o aluno (1) desconsiderou a personagem Luiza como locutora do trecho: “– O quê? Então é grave.”, confundindo-a com Maria. Mesmo o comando da questão apresentando quatro códigos, ele usou somente três. No trecho onde se encontra esse fragmento, Maria e Luiza estavam dialogando ao telefone. Nesse caso, para não haver confusão como ocorreu, o aluno precisaria ler com atenção e fazer associações entre o trecho lido e a história como um todo.

Já o aluno (3), além de confundir a fala das personagens, também não identificou a presença do narrador:

**Aluno (3)**

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )  
 “– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 3 )  
 “– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )  
 “Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha12) ( 3 )

O aluno (3) atribuiu o trecho “– Não vão saber que hospital é.” à personagem Maria, desconsiderando João como locutor. Esse trecho corresponde à parte do texto na qual há um diálogo entre João e Maria. Nesse caso, notamos que o aluno não percebeu a mudança de locutor.

No trecho “Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.”, esse aluno confundiu o narrador com a personagem Maria. Antes desse trecho, não há discurso direto



no texto. Para o aluno chegar a essa resposta, provavelmente, ele relacionou o desencadeamento do conflito à personagem Maria, pois, no trecho que inicia a narrativa, João, o marido, pediu a esposa, Maria, para desmarcar o jantar com os amigos.

Vejamos, agora, as respostas do aluno (9):

**Aluno (9)**

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )  
 “– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 4 )  
 “– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 3 )  
 “Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha12) (1)

O aluno (9) relacionou o trecho “– Não vão saber que hospital é.” à personagem Maria, desconsiderando João como locutor. No trecho: “– O quê? Então é grave.”, o aluno também associou esse trecho à Maria. Nesses dois equívocos, observa-se que esse aluno também não percebeu a mudança de locutor. Considerando que, nos dois fragmentos, há transcrição do discurso direto, provavelmente, se esse aluno recuperasse o conhecimento linguístico sobre os sinais que marcam a mudança de locutor nesse tipo de discurso, esses equívocos poderiam ser evitados.

Apesar dessa questão apresentar um único comando, no qual o aluno deveria identificar os locutores das cenas, e ser classificada como baixo nível inferencial, destacamos sua relevância para a manutenção da atenção no texto, pois, como observamos em nossa análise, alguns alunos não conseguiram fazer essa identificação, comprometendo a compreensão da narrativa.

Considerando as análises dos dados apresentados, acreditamos que uma revisão sobre os diferentes tipos de discurso e sobre os sinais de pontuação ajudariam os alunos que apresentaram algumas dificuldades na identificação dos locutores. Além disso, poderia ser feito um estudo sobre o papel das pessoas do discurso no texto, vinculando a natureza das ações e as personagens.

## 5.2 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis temporal

No processo de compreensão da narrativa, o leitor/ouvinte organiza os acontecimentos por meio das coordenadas pessoais e espaço-temporais das cenas. Levando-se em consideração a relevância de situar o leitor no tempo da narrativa, nesta seção, analisamos uma questão na qual o aluno precisa identificar e relacionar os acontecimentos aos tempos verbais.

Essa questão foi aplicada na segunda parte da oficina e sua elaboração teve como referência o baixo nível inferencial (Applegate *et al*, 2002).

TEXTO	Crônica A Mentira
<p><b>Questão 3</b></p> <p>Questão aplicada na segunda parte da oficina</p>	<p>Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.</p> <p>Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?</p> <p>– Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.</p> <p>– Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.</p> <p>– Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."</p> <p>– Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.</p> <p>– Não vão saber que hospital é.</p> <p>– Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.</p>

A dêixis temporal relaciona-se na marcação do tempo em que o discurso ocorre. No texto **A Mentira**, podemos perceber a passagem de tempo através de algumas locuções adverbiais e nas formas temporais da conjugação verbal.

Considerando o processo de aprendizagem, percebemos que alguns alunos, mesmo apresentando alguns desvios, conseguiram estabelecer relação entre os acontecimentos e o tempo linguístico. Assim, de um total de dez alunos, verificamos que seis fizeram muitas identificações e relações. Dentre as respostas que não conseguiram estabelecer o tempo linguístico dos acontecimentos, destacamos:

**Aluno (1)**

<b>ACONTECIMENTOS</b>		
<b>PASSADOS</b>	<b>PRESENTES</b>	<b>FUTUROS</b>
Piorou	Bota	Perdoará
achou	Podemos	Vêm
telefonarão	Podemos	
disse	Estou	
iam	Sei	
acreditou	É	
são	É	
vão		
ditou		
deu		

De acordo com Fiorin (2016), o *agora* é instaurado pelo ato da linguagem e, mesmo deslocando-se no decorrer do discurso, continua sempre *agora*. Assim, torna-se um eixo que determina a *concomitância vs a não concomitância* que é vinculada à *anterioridade vs a posterioridade*. Ainda segundo o autor, “a categoria gramatical que permite situar os acontecimentos como presentes, pretéritos ou futuros em relação a um marco referencial presente, pretérito e futuro, estabelecido a partir do momento da enunciação”. Nesse sentido, a enunciação está relacionada a todos os tempos verbais.

Para compreender melhor o caminho cognitivo traçado pelo aluno (1), destacamos os fragmentos do texto em que as formas verbais aparecem.

### Fragmento I

– Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que **vêm** para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

Na obra **Moderna Gramática Portuguesa**, Bechara (2004, p. 276) destaca que o traço “negativo” ou “neutral” do presente permite que, em determinados contextos, ele seja aplicado em lugar do pretérito e do futuro. Para o autor, o presente do indicativo pode ser empregado no lugar do futuro do indicativo para enfatizar uma decisão.

O fragmento I corresponde à fala de Maria. Nele, observamos que a forma verbal “vêm” refere-se aos amigos, Pedro e Luíza, que estavam a caminho do apartamento das personagens centrais, João e Maria. Quando o aluno (1) relaciona essa forma verbal ao futuro, ele demonstra ter compreendido que a ação expressa pelo verbo corresponde ao desencadeamento dos acontecimentos narrados.

### Fragmento II

– Eles **são** capazes de ir ao hospital à nossa procura.

### Fragmento III

– Não **vão** saber que hospital é.

### Fragmento IV

– **Telefonarão** para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

Nos fragmentos II, III e IV, o aluno (1) associou as três formas verbais grifadas ao tempo passado, demonstrando não perceber a mudança do tempo linguístico nas falas das personagens. Para Kleiman (2013), o leitor, para construir um significado global do texto, procura pistas formais, utilizando estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico. A partir dessas associações, observamos que as estratégias empregadas por esse aluno, não foram suficientes

para que ele assimilasse o tempo linguístico das formas verbais destacadas nesses três fragmentos.

**Aluno (9)**

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinha	Entreolharam	Podemos
deu	Podiam	Iam
disse	Podiam	Vêm
acreditou	Estou	Bota
disse	Achou	São
telefonaram	É	Vão
ditou	Achou	

Tendo em vista as relações feitas pelo aluno (9), destacamos os fragmentos em que as formas verbais foram associadas ao tempo presente.

Fragmento I

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se **entreolharam**. E agora? Não **podiam** receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

Nesse fragmento, o narrador usou o passado para relatar os acontecimentos do presente. Conforme Bechara (2004, p. 277) “emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente”.

Ao fazer tais associações, fica evidente que o aluno (9) considerou o texto como um todo, compreendendo que as formas verbais, empregadas no passado, correspondem às ações do presente das personagens.

Além dessas associações, esse aluno traçou o mesmo percurso que o aluno (1) quando relacionou as formas verbais “podemos”, “vêm” e “são” ao tempo futuro. Nos fragmentos II, III e IV, notamos o uso do tempo presente para expressar o futuro. Ainda no fragmento III, esse

aluno também foi capaz de perceber a noção de futuro perifrástico, na construção formada pelo presente do verbo “ir” e pelo infinitivo do verbo principal “desconfiar”.

#### Fragmento II

– **Podemos** dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

#### Fragmento III

– Eles **iam** **desconfiar**. Acho que já estão desconfiados. É por isso que **vêm** para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

#### Fragmento IV

– Eles **são** capazes de ir ao hospital à nossa procura.

Além dessa questão, desenvolvemos uma outra, na qual o aluno deveria identificar uma expressão que marca o tempo inicial da narrativa.

TEXTO	Crônica <b>A Mentira</b>
<p><b>Questão 5</b> Questão aplicada na segunda parte da oficina</p>	<p>Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.</p> <p>a) Na crônica <b>A Mentira</b>, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.</p>

Em relação a essa questão de baixo nível inferencial, os alunos não apresentaram nenhuma dificuldade. Todos os alunos conseguiram reconhecer na expressão “naquela noite” o tempo de referência que foi utilizado para o estabelecimento de interação com os eventos narrativos.

### 5.3 Análise das respostas como contempladoras do(s) comando(s) da questão sobre dêixis espacial

Nesta seção, analisaremos uma questão sobre dêixis espacial aplicada na primeira parte da oficina.

TEXTO	Crônica <b>A Mentira</b>
<p><b>Questão 1</b></p> <p>Questão aplicada na primeira parte da oficina</p>	<p>O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.</p> <p>c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.</p>

Os dêiticos espaciais correspondem à localização do enunciador na situação comunicativa e evidenciam a hierarquização das personagens e objetos na cena enunciativa (LEVINSON, 2007), isto é, no decorrer do evento narrativo, elementos linguísticos possibilitam que eles apresentem uma condição distinta na organização da cena.

No texto narrativo, o leitor percebe os objetos e os eventos descritos a partir das referências dêiticas que indicam lugar. A medida que a narrativa avança, a história pode passar de um lugar para outro, ou seja, o ONDE pode mudar (RAPAPORT *ET AL*, 1994). Desse modo, a mudança do mecanismo linguístico que determina o lugar, resulta em adaptações que se ajustam ao novo espaço de referência.

Nesta pesquisa, compreendemos os elementos dêiticos de lugar como essenciais para a compreensão do texto, pois eles possibilitam que o leitor acompanhe o deslocamento das entidades nos espaços narrados.

É importante considerarmos o episódio recortado para compor a questão, pois ele corresponde ao conflito gerador da narrativa, localizado no primeiro parágrafo da crônica **A Mentira**. Para desenvolver a questão, o leitor precisa identificar a relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar. Essa identificação foi desenvolvida na letra A dessa mesma questão. Apesar disso, não a selecionamos para análise, porque verificamos que todos os alunos acertaram a resposta. Sendo assim, escolhemos a questão de letra C para entender como os alunos identificam o elemento dêitico e como, ao mantê-lo, apresentam uma solução para o conflito.

De acordo com os estudos de Applegate *et al* (2002), essa questão apresenta dois níveis de leitura, pois, ao parafrasear o texto, o aluno desenvolve o baixo nível inferencial, e, ao elaborar uma solução alternativa para o conflito, ele desenvolve o nível inferencial reflexivo global.

Desse modo, esperávamos que o aluno apresentasse uma solução para o conflito por meio de uma paráfrase, preservando um elemento dêitico espacial. Assim, de dez respostas, somente quatro apresentaram resposta completa, situando as personagens e apresentando uma solução. Como exemplo, destacamos a resposta do aluno (3):

### **ALUNO (3)**

“João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de ir na casa de Pedro e Luisa. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e pediu pra Maria ligar para eles e falar que estava esgotado do trabalho e que só queria cama.”

Como resposta incompleta, destacamos:

### **ALUNO (7)**

“Encarregou Maria de telefona para Luiza e falar que o janta estava confirmado.”

Ao analisarmos a resposta do aluno (7), percebemos que ele apresentou uma solução para o conflito ao confirmar o jantar, mas deixou o elemento dêitico implícito. Cognitivamente,



esse aluno organizou a solução para o conflito, optando por confirmar o jantar que aconteceria na casa de Pedro e Luiza. No entanto, consideramos que essa resposta está incompleta, pois, além de solucionar o conflito, o aluno deveria manter um elemento dêitico de lugar

#### **ALUNO (5)**

“Maria telefonou para Luíza e disse que João chegava em casa muito cansado e que ela achava melhor que remar casse o jantar no dia seguinte.”

#### **ALUNO (9)**

“Ele vai jantar na casa dos amigos e chegando no prédio/casa dos amigos tocou a campainha e eles os atenderam.”

A interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, contribuem para a construção de sentido do texto Kleiman (2013). Apesar de não apresentarem todos os comandos da questão, percebemos que as respostas dos alunos (5) e (9) revelam que esses alunos conseguiram reconhecer a marcação de espaço e fizeram reflexões sobre o texto, expressando uma ideia relacionada com as ações das personagens. O aluno (5), cognitivamente, soluciona o conflito ao situar a cena em uma dimensão espacial (ONDE) com o elemento dêitico “em casa” e em uma dimensão temporal (QUANDO) com a coordenada dêitica “no dia seguinte” (RAPAPORT *et al*, 1994); e o aluno (9) constrói uma configuração espacial com a coordenada dêitica “no prédio/casa dos amigos”, produzindo uma representação mental do cenário da narrativa com personagens e objeto (a campainha).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa dedicou-se ao estudo da compreensão dos eventos narrativos no gênero crônica por meio da correspondência dêitica. Para tanto, buscamos apoio nos estudos cognitivos em leitura que refletem sobre a importância dos conhecimentos linguísticos e prévios do leitor.

Com o objetivo de analisar os processos cognitivos de aprendizagem sobre as relações de significado através dos dêiticos, elaboramos uma proposta de atividade que foi aplicada em uma turma de 9º ano de uma escola pública estadual do Rio de Janeiro. Nos enunciados dessas atividades, utilizamos a correspondência dêitica em relação aos participantes do evento narrativo, à localização desses participantes e à percepção de tempo, considerando os níveis de leitura propostos por Applegate *et al* (2002).

Além disso, fundamentamos nossas discussões nas teorias sobre dêixis de Benveniste, (1989 e 1995), Levinson (2007) e Rapaport *et al* (1994) que contribuíram para a compreensão dos elementos dêiticos na organização do evento narrativo; nos estudos sobre metacognição de Brown (1980 e 1997), Flavell (1987), Nelson e Narens (1996) que relacionaram esse termo à capacidade de processamento em um alto nível de informações por meio do conhecimento e da experiência que os sujeitos desenvolvem ao longo da vida; e nas estratégias metacognitivas com base nos apontamentos de Gerhardt (2010 e 2015) e Kleiman (2002 e 2013) que evidenciaram a importância do desenvolvimento de leitores conscientes e capazes de controlar os processos mentais.

Durante a aplicação desta pesquisa, pudemos refletir sobre a importância dos processos cognitivos associados aos conhecimentos linguísticos em situações de leitura. Dessa forma, constatamos como os alunos perceberam a presença dos elementos dêiticos no evento narrativo e, por meio das atividades aplicadas, conseguimos compreender as relações que foram estabelecidas por eles. Observamos que alguns alunos associaram os conhecimentos prévios às informações do texto, atingindo o nível inferencial reflexivo global; e outros só ficaram na superficialidade do texto, estabelecendo relações lógicas e básicas ou detectando informações irrelevantes, permanecendo no baixo nível inferencial.

No decorrer do processo de análise, verificamos que alguns alunos apresentaram dificuldades na identificação dos participantes do evento narrativo e na percepção do tempo linguístico. No entanto, muitos conseguiram fazer diferentes associações, construindo o sentido global da narrativa.

Essas análises revelaram informações que consideramos muito importantes no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, pois foi possível perceber que, nas relações cognitivas realizadas pelos alunos, o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo são fundamentais nas previsões e inferências sobre o texto. Essas análises também evidenciaram a importância das coordenadas dêiticas na organização do evento narrativo. Assim, confirmamos a hipótese de que as operações mentais são executadas durante o processo de organização e compreensão do gênero crônica através dos elementos dêiticos.

A partir dos dados obtidos por meio das atividades, sugerimos que sejam realizadas atividades que explorem diversos níveis de conhecimento. Além disso, enfatizamos a importância do trabalho com atividades de alto nível inferencial, visto que os alunos apresentaram dificuldades em desenvolver questões desse nível.

Dessa forma, consideramos que os objetivos traçados no início desta pesquisa foram alcançados, pois conseguimos verificar os processos cognitivos realizados pelos alunos na compreensão dos eventos narrativos por meio das coordenadas dêiticas e detectamos o que precisa ser desenvolvido nas práticas pedagógicas para que o aluno consiga realizar atividades de baixo e alto nível inferenciais, contribuindo para que os processos cognitivos sejam vinculados à construção de significados na linguagem.

Portanto, esperamos que este trabalho possa auxiliar os docentes no que diz respeito ao ensino do gênero crônica e de outros gêneros que tenham como base a tipologia textual narrativa, levando em conta a contribuição dos elementos dêiticos na organização dos eventos narrativos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. Time in Narratives. In: DUCHAN, Judith F.; BRUDER, Gail A.; HEWITT, Lynne. **Deixis in Narrative: A Cognitive Science Perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

APPLEGATE, Mary DeKonty; QUINN, Katheleen Benson; APPLEGATE, Anthony J. Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories. **The Reading Teacher**, v. 56, n. 2, p. 174-180, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Com-Arte, 1992.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 4.ed. Trad: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 4.ed. Trad: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1989.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROWN, A. L. Metacognitive development and reading. In SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W. F. (eds), **Theoretical issues in reading comprehension**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1980.

\_\_\_\_\_. Transforming schools into communities of thinking and learning about serious matters. **American Psychologist**, 52, 4, 1997, pp. 399-413.

BÜHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York, John Wiley and Sons, 1982, p. 9-30

CANDIDO, A. "A vida ao rés-do-chão." In: CANDIDO, A. *et al.* **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COUTINHO, A. **Crítica e Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1976.

EHLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (Eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 315-338.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basis Books, 2002.

FERREIRA, A. M. L; LEITE, K. G. Aprendizagem da matemática: uma possibilidade para desenvolver a metacognição. In: **I Congresso Nacional em Educação, Cidadania e Sustentabilidade**, 2007, Ji-Paraná. Anais, 2007.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. Tempo e Temporalização. In: CALGIARI, L.C. (org.) **O tempo e a Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p.07-40

FLAVELL, J. H. **Cognitive development: children's knowledge about the mind**. Annu. Rev. Psychol. New York, 1999.

\_\_\_\_\_. Speculations About the Nature and Development of Metacognition. IN: WEINERT, F.E., KLUWE, R.H. (Eds). **Metacognition, Motivation, and Understanding**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1987, pp.21-29.

GERHARDT, A. F. L. M. Integração Conceptual, formação de conceitos e aprendizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, 2010, pp. 247-263.

GERHARDT, A. F. L. M., BOTELHO, P. F., AMANTES, A. M. Metacognição, objetivos de leitura e atividades didáticas de língua portuguesa. **RBLA**, v. 15, n. 1, 2015, pp. 180-208.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'enonciation de la subjectivité dans le langage**. Paris, Librairie Armand Colin, 1980, pp. 34-69.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

Mayor, J., Suengas, A., & González Marqués, J. Estrategias metacognitivas: Aprender a aprender y aprender a pensar. Madrid, España: Síntesis, 1995.

MOISÉS, M. **A criação literária**: Prosa. II. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NELSON, T.; NARENS, L. Why investigate metacognition? In METCALFE, J.; SHIMAMURA, A. P. (Ed.). **Metacognition. Knowing about knowing**. Cambridge, MA: MIT Press, 1996. p. 1-27.

NERY, S. M. S. **A Vida como Ela É...: O Limiar entre a Crônica e o Conto**. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d8/GT5\\_-\\_16\\_-\\_A\\_vida\\_como\\_ela\\_e-Silvana.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d8/GT5_-_16_-_A_vida_como_ela_e-Silvana.pdf)>. Acesso em: 16 de maio de 2017.

PEREIRA, W. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso. Salvador: Calandra, 2004.

RAPAPORT, W.; SEGAL, E.; SHAPIRO, S.; ZUBIN, D. A.; BRUDER, G.; DUCHAN, J.; ALMEIDA, M. J.; DANIELS, J. H.; GALBRAITH, M.; WIEBE, J. M.; YUHAN, A. H. **Deictic Centers and the Cognitive Structure of Narrative Comprehension**. Technical Report N. 89-01. Buffalo, NY: SUNY Buffalo Department of Computer Science, 1994.

RONCARI, L. Literatura **Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2.ed. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, 2002.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2002.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *et al.* In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 21-39.

SILVA, M. O. L.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, V. A.; LIMA, M. G. S. B. Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. In:

Encontro De Pesquisa Em Educação, 6., 2010, Teresina. **Anais eletrônicos**. Teresina: UFPI, 2010. Disponível em:<  
[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT\\_01\\_15.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf)>. Acesso em: 18 Julho, 2017.

SIMON, L.C.S. Impasses em torno da crônica. Anais do IV Congresso de Letras da UERJ - São Gonçalo. São Gonçalo, 2007. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/IV/completos/comunicacoes/Luiz%20Carlos%20Santos%20Simon.pdf>> Acesso em 25 de outubro de 2017.

SOLÉ, I.. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TELLES, J. A. É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem e ensino**, Pelotas, v. 5, n. 5, 2002, p. 91-116. Disponível em: < <http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/238/205> >. Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

VERÍSSIMO, L. F.. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VIEIRA, L. A. Formação do leitor: a família em questão. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. **III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/308.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.



## APÊNDICE

### A - Questionário



Prezado estudante, eu, Fernanda Gonçalves de Laia, aluna do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – UFRRJ, gostaria de conhecer um pouco sobre você e seus hábitos de leitura. Para isso, conto com sua participação no sentido de fornecer as informações abaixo. Ressalto que tais informações são confidenciais e que não serão divulgadas. Sendo assim, gostaria de que você respondesse às questões abaixo com seriedade.

Desde já, agradeço a colaboração!

1. Qual sua idade? \_\_\_\_\_
2. Sexo:  
 Feminino  Masculino
3. Em casa, você é incentivado(a) a ler?  
 Sempre.  Às vezes.  Raramente.  Nunca.
4. O que seus familiares costumam ler?  
 Revistas  Livros  Quadrinhos  A Bíblia  
 Outros: \_\_\_\_\_
5. Na escola, você é incentivado a ler?  
 Sempre.  Às vezes.  Raramente.  Nunca.
6. Na sua opinião, as leituras recomendadas pela escola são  
 agradáveis.  difíceis.  
 desinteressantes.  importantes.
7. Você frequenta a biblioteca de sua escola?  
 Sim  Não
8. Costuma fazer empréstimos de livros na biblioteca?  
 Sim  Não
9. Você gosta de ler?  
 Sim  Não
10. Você considera a leitura:  uma obrigação.  um prazer  
 um passatempo.  um aborrecimento.

11. Assinale com um X o(s) tipo(s) de material(ais) que você mais gosta de ler.  Revistas

Jornais

Livros indicados pela escola

Livros de literatura

Histórias em quadrinhos

Textos escolares

Livros digitais

Bíblia

Livros de poemas

Textos na Internet (blogs, páginas de redes sociais etc

12. Quantos livros completos você já leu?

Nenhum

De 1 a 2

Mais de três

Mais de 10

13. Você tem livros literários em casa?

Sim

Não

14. Quem é responsável por você?

Pai  Mãe

Outro: \_\_\_\_\_

15. Qual o nível de escolaridade:

• Do seu pai:

Não alfabetizado  Fundamental -  completo  incompleto

Ensino Médio -  completo  incompleto Nível superior

• Da sua mãe:

Não Alfabetizado  Fundamental -  completo  incompleto

Ensino Médio -  completo  incompleto Nível superior

• Responsável por você (Caso não more com o pai ou com a mãe)

Analfabeto  Fundamental -  completo  incompleto

Ensino Médio -  completo  incompleto Nível superior

16. Qual a profissão/ocupação:

Do seu pai: \_\_\_\_\_

Da sua mãe: \_\_\_\_\_

Do seu responsável (caso não more com o pai e com a mãe):

\_\_\_\_\_

**B – Atividade de Primeira Oficina****CIEP 032 – CORA CORALINA**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /2017

**Atividade de identificação da estrutura dos elementos da narrativa na crônica *A Foto*, de Luís Fernando Veríssimo**

Assim, para compreender a estrutura e os elementos da narrativa, os alunos serão motivados a responder a algumas perguntas:

1 – Você sentiu-se motivado a ler o texto a partir do título? Por quê?

---



---

2 – A partir da leitura do texto, pode-se inferir que:

- (a) a família estava preocupada em homenagear o bisavô.
- (b) os integrantes da família demonstraram capricho e vaidade. (X)
- (c) alguns familiares não se importavam em aparecer na foto.
- (d) os integrantes da família se relacionam bem.

Justifique: \_\_\_\_\_

---



---

3 – Releia o primeiro parágrafo do texto.

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

a) O foco narrativo é o ponto de vista a partir do qual é feita a narração. No texto **A Foto**, qual é o foco narrativo?

---

b) Observe o fragmento destacado e retire dele palavras que indiquem o foco narrativo.

---

4 – Em sua opinião, o fato narrado pode ser considerado real ou fictício? Justifique.

---



---

5 – As personagens podem ser classificadas de acordo com a relevância que possuem no desenrolar da narrativa. Como você classificaria as personagens do texto **A Foto**? Justifique sua resposta.

---



---

6 – Levando-se em consideração que o conflito é o responsável pelo desencadeamento da trama, a) o que gerou o conflito?

---



---

b) como esse conflito poderia ser resolvido hoje em dia?

---



---

7 – Observe o trecho abaixo:

“Eu fico **implícito** – disse o velho, já com o olho no visor.”

A partir da palavra destacada, podemos inferir que o bisavô:

- (a) considerava sua presença indispensável na fotografia.
- (b) queria fotografar, mas também desejava aparecer na foto.
- (c) ficou irritado com a ausência de um fotógrafo.
- (d) teria sua presença subentendida na fotografia.

Justifique: \_\_\_\_\_

---

8 – A narrativa é composta por vários acontecimentos que podem ser separados em partes:

<b>Exposição</b>	apresentação das personagens e localizações de tempo e espaço.
<b>Complicação</b>	envolvimento das personagens, trama que gera conflito e tensão.
<b>Clímax</b>	o momento de maior tensão dramática, o conflito atinge um ápice.
<b>Desfecho</b>	consequências geradas depois da ocorrência do conflito.

De acordo com o texto lido, que fatos resumem o desfecho?

---



---

9 – O texto **A Foto** é uma crônica. A crônica é um tipo de texto narrativo que mescla jornalismo e literatura. Caracteriza-se por desenvolver temas relacionados ao cotidiano, envolvendo ficção, fantasia e crítica social. Em geral, o leitor pressuposto desse tipo de texto é o leitor de jornal ou de revista.

Em sua opinião, os fatos narrados foram descritos de modo interessante para o leitor a que se dirigem? Justifique sua resposta.

---



---

**C – Atividade da Segunda Oficina – 1ª Aula**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

**Atividade de identificação dos recursos discursivos e linguísticos na crônica A Aliança,  
de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – De acordo com o **Dicionário Aurélio de Português Online**, o substantivo aliança pode ser definido como:

- 1 - Laço que prende duas ou mais entidades que se prometem mútua amizade e auxílio.
- 2 - Laço existente entre duas famílias, mediante casamento.
- 3 - Anel liso de ouro, que simboliza o casamento ou um comprometimento.

Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27

Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/alianca>>. Acesso em: 10 Out. 2017

a) Que outro sentido você atribuiria à palavra “aliança”?

\_\_\_\_\_

b) Você considera que o título resume bem a história narrada? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 – Geralmente, as crônicas trazem algum detalhe do cotidiano a partir de uma perspectiva pessoal e/ou inusitada. Qual(is) detalhe(s) do cotidiano você identificou na crônica lida?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3 – A partir da leitura da crônica, pode-se afirmar que foi estabelecida uma oposição entre verdade e mentira.

a) Você conseguiu identificar essa oposição? Justifique sua resposta.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Em sua opinião, quais consequências a mentira traz para um relacionamento? Justifique.

---

---

4 – As personagens são os seres que atuam na narrativa e podem ser classificadas de acordo com sua importância para o enredo. De acordo com as informações do texto e de acordo com os seus conhecimentos desenvolvidos nesta oficina, como você classificaria as personagens do texto **A aliança**? Justifique sua resposta.

---

---

5 – Na crônica lida, o narrador que antes parecia distante, coloca-se de forma mais próxima da personagem central. Releia o primeiro parágrafo e transcreva a palavra que marca essa proximidade.

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o *apartheid*, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

---

6 – A crônica **A aliança** sugere que as mulheres nunca acreditam nas explicações que os homens dão quando se referem a assuntos relacionados ao relacionamento. O que o marido disse à esposa para tentar convencê-la de sua sinceridade?

---

---

**D – Atividade da Segunda Oficina – 2ª Aula**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

**Atividade de identificação dos recursos discursivos e linguísticos na crônica A Aliança, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Observe o trecho abaixo:

Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em *Samarkand*, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jangal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências...

A partir desse trecho, podemos inferir que o homem:

- (a) parece satisfeito com a vida que tem.
- (b) teve os sonhos de infância concretizados na maturidade.
- (c) tinha esperanças em ser dono de um cassino.
- (d) parece ter uma vida entediante em relação aos sonhos que tinha na infância.

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 – Releia o trecho abaixo:

Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o portamalas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.



Por que podemos dizer que descrição da cena provoca suspense?

---

---

3 – Observe o fragmento selecionado:

– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei. Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava um crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

a) Em sua opinião, como seria o desenrolar da trama se o marido contasse a verdade?

---

---

b) Nesse fragmento, há uma quebra de expectativa estabelecida pela confissão de uma suposta traição. Que expectativa era esperada?

---

---

c) Que outro desfecho você daria à história?

---

---

4 – Por que podemos afirmar que o texto **A aliança** encaixa-se no gênero crônica?

---

---

**E – Atividade da Terceira Oficina – 1ª Aula**  
**CIEP 032 – CORA CORALINA**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís  
 Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

\_\_\_\_\_

b) Que solução você daria ao conflito?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 – Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

– O quê? Então é grave.

– A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

– Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.

– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.

– Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?

– Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.

– Como é que ele está agora?

– Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.

– Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

---



---

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

---



---

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

---



---



---

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

---



---



---



---



---

**F – Atividade da Terceira Oficina – 2ª Aula**  
**CIEP 032 – CORA CORALINA**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís  
 Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

( 1 ) Narrador

( 2 ) João

( 3 ) Maria

( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) (    )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) (    )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) (    )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) (    )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.

– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

\_\_\_\_\_

b) Como você conseguiu identificá-los?

\_\_\_\_\_

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao

momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?” (linha 21)

---

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)

---

c) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)

---

d) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)

---

e) - Bota **aí**: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo." (linha 44)

---

f) “– Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)

---

g) “– Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)

---

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.

---

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

---

## ANEXO

### A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Duque de Caxias, \_\_\_\_ de outubro de 2017.

Prezados pais dos(as) alunos(as) da turma 902,

Sou professora da área de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e, atualmente, estou realizando curso de pós-graduação em nível de Mestrado do Programa PROFLETRAS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O objetivo deste estudo é analisar os processos cognitivos realizados pelo leitor, tendo a dêixis como mecanismo linguístico na correspondência entre personagem, espaço e tempo no evento narrativo.

Dessa forma, para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados que inclui gravações em áudio, vídeo e registros em fotografias dos alunos em atividades de resolução de exercícios (caderno, testes, provas, folhas de exercícios), feiras e exposições.

Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar as imagens por mim captadas e as gravações realizadas com seu (sua) filho (a) em sala de aula. Esclareço que os dados coletados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante(s) da pesquisa.

Ao final deste estudo, minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já, agradeço a atenção dispensada e a colaboração.

Atenciosamente,

Fernanda Gonçalves de Laia

Professora de Língua Portuguesa/ SEEDUC.

Aluno(a): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Ciente (pai/mãe/responsável)

**B – Carta de Anuência****CARTA DE ANUÊNCIA – ESCOLA PÚBLICA**

Pela presente, o CIEP 032 Cora Coralina, sediado à Avenida Presidente Kennedy – Km 12, representado por sua diretora Maria das Graças Gomes, declara que tem plena e total consciência e concordância com a realização da pesquisa **PROCESSOS COGNITIVOS NA COMPREENSÃO DO GÊNERO CRÔNICA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ATRAVÉS DOS DÊITICOS**, realizada pela pesquisadora Fernanda Gonçalves de Laia, para a obtenção do Título de Mestra pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo, durante o ano letivo de 2017.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Diretor da Unidade Escolar



## C - TEXTO I: A Foto

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

– Tira você mesmo, ué.

– Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

– Tiro eu – disse o marido da Bitinha.

– Você fica aqui – comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse. “Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar”, dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

– Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse o filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas Andradina segurou o filho.

– Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

– Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem *timer*!

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num *duty free* da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era “Dutifri”, mas ele não sabia.

– Revezamento – sugeriu alguém – Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta do bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

– Dá aqui.

– Mas seu Domício...

- Vai pra lá e fica quieto.
- Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!
- Eu fico implícito – disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 37-38.

## D - TEXTO II: A aliança

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jangal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o portamalas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.

Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

- Você não sabe o que me aconteceu!
- O quê?
- Uma coisa incrível.
- O quê?
- Contando ninguém acredita.
- Conta!
- Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?
- Não.
- Olhe.
- E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.
- O que aconteceu?

E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

– Que coisa - diria a mulher, calmamente.

– Não é difícil de acreditar?

– Não. É perfeitamente possível.

– Pois é. Eu...

– SEU CRETINO!

– Meu bem...

– Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

– Mas, meu bem...

– Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela saíria de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações. Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada, nada. E, finalmente:

– Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei. Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava um crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

– O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 21-23.

### E - TEXTO III: A Mentira

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e declarou que, de maneira nenhuma, não iria jantar na casa de ninguém. Maria disse que o jantar estava marcado há uma semana e seria uma falta de consideração com Pedro e Luíza, que afinal eram seus amigos, deixar de ir. João reafirmou que não ia.

Encarregou Maria de telefonar para Luíza e dar uma desculpa qualquer. Que marcassem o jantar para a noite seguinte. Maria telefonou para Luíza e disse que João chegara em casa muito abatido, até com um pouco de febre, e que ela achava melhor não tirá-lo de casa àquela noite. Luíza disse que era uma pena, que tinha preparado um *Blanquette de Veau* que era uma beleza, mas que tudo bem. Importante é a saúde e é bom não facilitar.

Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor. João tomou banho, jantou e foi se deitar. Maria ficou na sala vendo televisão. Ali pelas nove bateram na porta. Do quarto, João, que ainda não dormira, deu um gemido. Maria, que já estava de camisola, entrou no quarto para pegar seu robe de chambre. João sugeriu que ela não abrisse a porta. Naquela hora só podia ser chato. Ele teria que sair da cama. Que deixasse bater. Maria concordou. Não abriu a porta. Meia hora depois, tocou o telefone, acordando João. Maria atendeu. Era Luíza, querendo saber o que tinha acontecido.

– Por quê? - perguntou Maria.

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.

– Vocês estiveram aqui?

– Para saber como estava o João. O Pedro disse que andou sentindo a mesma coisa há alguns dias e queria dar umas dicas. O que houve?

– Nem te conto – contou Maria, pensando rapidamente. – O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

– O quê? Então é grave.

– A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

– Apareceram pintas vermelhas no rosto – sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.

– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.

– Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?

– Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.

- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!
- Espere!

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

– Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

– Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

– Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

– Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

– Não vão saber que hospital é.

– Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a *Blanquette de Veau* perdida.

– Então bota aí: "João piorou subitamente. Médico achou melhor interná-lo na sua clínica particular. O telefone lá é 236-6688."

– Mas esse é o telefone do seu escritório.

– Exato. Iremos para lá e esperaremos o telefonema deles.

– Vamos embora!

Deixaram o bilhete preso na porta. Apertaram o botão do elevador. O elevador já estava subindo. Eram eles!

– Pela escada, depressa!

O carro de Pedro estava barrando a saída da garagem do edifício. Não podiam usar o carro. Demoraram para conseguir um táxi. Quando chegaram ao escritório de João, que perdeu mais tempo explicando ao porteiro a sua presença ali no meio da noite, o telefone já tocando. Maria apertou o nariz para disfarçar a voz e atendeu:

– Clínica Rochedo.

"Rochedo?!", espantou-se João, que se atirara, ofegante, numa poltrona.

– Um momentinho, por favor - disse Maria.

Tapou o fone e disse para João que era Luíza. Que mulherzinha! O que a gente faz para preservar uma amizade. E não passar por mentiroso. Maria voltou ao telefone.

– O Sr. João está no quarto 17, mas não pode receber visitas. Sua senhora? Um momentinho, por favor.

Maria tapou o fone outra vez.

– Ela quer falar comigo.

Atendeu com a sua voz normal.

– Alô, Luíza? Pois é. Estamos aqui. Ninguém sabe o que é. Está com pintas vermelhas por todo o corpo e as unhas estão ficando azuis. O quê? Não, Luíza, vocês não precisam vir para cá.

– Diz que é contagioso - sussurrou João, que com a cabeça atirada para trás preparava-se para retomar seu sono na poltrona.

– É contagioso. Nem eu posso chegar perto dele. Aliás, eles vão evacuar toda a clínica e colocar barreiras em todas as ruas aqui perto. Estão desconfiados de que é um vírus africano que...

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 39-43.

## F – Atividades Respondidas

ALUNO 1

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 28 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís

Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

Ele deseja estar na cama, mas ele deveria ir do jantar.

b) Que solução você daria ao conflito?

Eu diria que estaria cansado por que o dia foi cansativo e pediria para deixar para outro dia.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, portanto ir direto para a cama. João ia ligar para os amigos vir para sua casa.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Não.

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.



## ALUNO 1

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

Na cama, ao lado do telefone e ao lado do hospital

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

lembro o texto

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

o ambiente relatado parece ser um hospital

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente.

Faça as alterações necessárias.

Ao contrário

A uma clínica

À frente de umidade

À frente médica

A uma casa

Ao lado do telefone

Ao lado da cama

ALUNO 1

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9<sup>o</sup>

TURMA: 902

DATA: 30 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica *A Mentira*, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 3 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Maria e Luiza

b) Como você conseguiu identificá-los?

na frase pela frase

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



**ALUNO 1**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blaquette de Veau perdida.

**ACONTECIMENTOS**

PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
Piorou	Bota	perdoará
achou	perdoarem	Vêm
Telefonarão	perdoarem	
disse	estou	
podiam	Sei	
acreditou	É	
São	É	
vão		
ditou		
deu		

4 - Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá - integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) - "Vocês estiveram aqui?" (linha 21)

na casa de João e Maria

ALUNO 1

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)na cidade de Foz de Iguazú Casa de Maria e Jaciãc) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)para a mesma casad) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)Para o hospitale) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)assinar com Mary que ele está muito mauf) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)Eles estavam na casa de Jaciã e Mariag) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)Forem Embreza

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Naquele noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

Porque as locuções adverbiais **Tam** não indicam o tempo.



ALUNO 2

CIEP 032 - CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9<sup>o</sup>

TURMA: 902

DATA: 28 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 - O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

Queria ir ao jardim, mas não podia ir.

b) Que solução você daria ao conflito?

Marcaria com o dia e não iria. Para que não fosse esse tipo de situação.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria ir ao jardim, mas não podia ir. Para que não fosse esse tipo de situação.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Não.

2 - Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

- Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

ALUNO 2

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

Um hospital, ao lado do telefone, na cama.

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

Relendo o texto.

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente.

Faça as alterações necessárias.

- Bem de certeza - contou Maria, pensando nestes momentos. - O João deu uma piscadela. Então chamou um médico e não conseguiu. Tinhamos que ir a uma clínica.

- O quê? Então é grave.

- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.



ALUNO 2

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 30 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 1 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Travis e Luiza

b) Como você conseguiu identificá-los?

Verificando a história.

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

**ALUNO 2**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

**ACONTECIMENTOS**

PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
Tinha	Podemos	Bota
entreolharam	ditou	vão
podiam	podemos	Telefonarão
deu	acho	perdoará
disse	é	
iam	vêm	
acreditou	são	
disse	é	
decidiram	Sei	
ditou	piorou	

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

Casa de João e Maria



ALUNO 2

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)Na Clínica Rachechoc) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)Na Clínica Rachechod) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)Na casa de João e Mariae) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)No hospitalf) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)Na casa de João e Mariag) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)Para o escritório de João

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Naquela noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

As locuções adverbiais indicam o tempo.

ALUNO 3

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9<sup>o</sup> TURMA: 902 DATA: 28 / 11 / 2017Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís

Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

Ele queria descer, estar na cama, mas deveria estar no banheiro.

b) Que solução você daria ao conflito?

Apenas falar a verdade que estava com sono e não queria dormir.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou o pão que naquele noite eles tinham ficado de ir na casa de Pedro e Julia. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e pediu pra Maria ligar para eles e falar que estava exausto do trabalho e que não queria cama.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Não

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.



## ALUNO 3

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeri João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

Do lado do telefone, o médico, tivemos que ir ao hospital.

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

lendo o texto

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

Ele está na cama, do lado do telefone (quarto).

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

Nem tão lento

- Contou Maria, pensando rapidamente
- O João deu uma pisada. Tentei chamar um médico, tive  
mes que ir a uma clínica.
- Que? Então é grave. A febre aumentou. Ele começou a sentir do-  
res no corpo
- Apareceram pintas vermelhas no rosto

ALUNO 3

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9 TURMA: 902 DATA: 30 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte

1 – Na crônica *A Mentira*, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador  
 ( 2 ) João  
 ( X ) Maria  
 ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 3 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 3 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
 – Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

lendo o texto

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



**ALUNO 3**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. E por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

**ACONTECIMENTOS**

PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinha	diz	decidiram
deu	é	telefonará
estão	bota	iam
piorou	acho	perdoará
telefonarão	diz	vão
achou	acho	são
ditou	vêm	
acreditou		
iam		
entreolharam		

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

na casa de João e Maria

ALUNO 3

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)no “hospital”c) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)“hospital”d) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)Para casa de João e Mariae) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)No Bulhetef) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)Casa de Maria e Joãog) “- Exato. Iremos para **lá** e esperamos o telefonema deles.” (linha 52)Escritório de João

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Naquela noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

O momento chegou um tempo e depois de sua chegada que a história começou.



ALUNO 4

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9

TURMA: 902

DATA: 28.11.2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

Ele deseja estar na cama, mas deveria ir ao jantar.

b) Que solução você daria ao conflito?

Falar para a Luíza a verdade. Que o marido chegou cansado e não queria ir.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

João chegou em casa cansado e disse para sua mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Assim, ligou para Luíza e disse que não poderia ir. Desligou e assim fez.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Não.

2 – Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

## ALUNO 4

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

"Tivermos que ir a um hospital", "ao lado do telefone",  
"na cama".

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

Lendo o texto.

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

Sentado na cama, com um telefone ao seu lado.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente.

Faça as alterações necessárias.

- Nem se conta. - Senteu Maria, pensando rapidamente. - O João deu  
uma piorada.

Tentei chamar um médico e não consegui. Tivermos que ir  
à clínica.

- O quê? Então é grave.

- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

- Apareceram pintas vermelhas no rosto. Sugeriu João,



ALUNO 4

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9TURMA: 902DATA: 30 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

**ALUNO 4**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.
- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.
- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."
- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.
- Não vão saber que hospital é.
- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
Decidiram	Desconfiados	Telefonarão
Tinha	Acreditou	am
deu	entreolharam	não
iam	podiam	não
desl	podemos	perdoará
achou	estou	
ditou	desl	
piorou	acho	
	é	
	Bota	

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

Casa de Maria e João



ALUNO 4

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)No escritórioc) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)Casa de Maria e Joãod) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)Casa de Maria e Joãoe) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)Bilhetef) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)Casa de Maria e Joãog) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)Escritório

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Naquela Noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

Porque "Naquela Noite" é adjunto adverbial

ALUNO 5

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9ºTURMA: 902DATA: 28 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

O marido desejava está na cama, mas deveria ir ao jantar.

b) Que solução você daria ao conflito?

A solução para todo conflito era apenas eles contarem à verdade e remarcar o jantar para outro dia.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

Maria telefonou para Luiz e disse que João chegava em casa muito cansado e que ela achava melhor que remarcasse o jantar do dia seguinte.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Não.

2 – Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.



## ALUNO 5

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

Hospital, ao lado do telefone, na cama.

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

procurei adjuntos.

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

O ambiente aparenta ser espaçoso e a cama  
dever ser ao lado do telefone.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

Numa tarde - contou Maria - pensando rapidamente - o  
João deu piorada.

Tentou chamar um médico e não conseguiu  
ter em que ir ao posto de saúde.

ALUNO 5

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9º TURMA: 902 DATA: 30 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luis Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Maria e Luiza

b) Como você conseguiu identificá-los?

Porque no texto tem o nome

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



**ALUNO 5**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entrelharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinha	podemos	vão
deu	estou	telefonará
disse	podiam	perdoará
ditou	acho	
piorou	são	
decidiram	vêm	
iam	achou	
achou	sei	

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

No. sala da Maria e João

ALUNO 5

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)No hospitalc) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)Para o hospitald) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)Casa de Maria e Joãoe) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)Bilhetef) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)Casa de Maria e Joãog) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)Escritório

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Naquela noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

Locuções adverbiais



ALUNO 6

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9<sup>o</sup>

TURMA: 902

DATA: 28/11/2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

O marido desyonar ficar na cama, mas deveria estar no jantar

b) Que solução você daria ao conflito?

Mover o jantar para outro dia, quando ele não estiver comido.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

João deu uma piorada e disse para sua mulher, Maria, que o jantar fosse na casa dele.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

Nunca passei por isso não

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

ALUNO 6

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

no hospital, ao lado do  
telefone e na cama

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

Porque são os únicos lugares

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

na sala do hospital, falando  
no telefone.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

---



---



---



---



---



---



ALUNO 6

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 30/11/2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica A Mentira, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica A Mentira, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

Pelo diálogo, porque uma frase antes fala que Maria atende Luiza

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

**ALUNO 6**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinham	Estão	Telefonarão
Entreolharam	disse	Perdoarão
Podemos	deu	
Deu	Nem	
botaram	Botar	
vêm	É	
Acreditou	são	
Decidiram	vão	
ditou	sei	
piorou		

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)  
Casa de João e Maria



ALUNO 6

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)

no hospital

c) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)

no Apartamento

d) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)

no hospital

e) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)

no leilhte

f) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)

na casa

g) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)

no escritório

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.

Naquela noite.

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

Locuções Adverbiais

ALUNO 7

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9º TURMA: 902 DATA: 29 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

Ele gostaria de estar na cama, mas ele deveria ir para o jantar.

b) Que solução você daria ao conflito?

Ele poderia ter falado a verdade, ter chamado para o jantar em casa.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

Encarregou Maria de telefonar para Luiz e falar que o jantar estava confirmado.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

não

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.



## ALUNO 7

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

hospital, ao lado do celular, na cama

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

lendo o texto

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

na sala, tinha televisão, celular, sofá etc.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente.

Faça as alterações necessárias.

- nem se conte - contou Maria, pensando rapidamente - o João deu uma parada. tentei chamar um médico e não consegui tê-los que ir a uma clínica.
- O quê? Então é grave
- A febre aumentou ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João,

ALUNO 7

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 30 / 11 /2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

( 1 ) Narrador

( 2 ) João

( 3 ) Maria

( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.

– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

pele diálogo

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



**ALUNO 7**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entrelharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.
- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.
- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."
- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.
- Não vão saber que hospital é.
- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinha	estou	telefonarão
entrelharam	disse	perdoará
podemos	acho	
deu	vêm	
podiam	Bota	
iam	é	
acreditou	são	
decidiram	vão	
ditou	Sei	
piorou		

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

Casa de João e Maria

ALUNO 7

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)

no hospital

c) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)

no hospital

d) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)

na casa

e) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)

me deite

f) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)

na casa de maria

g) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)

no escritório

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.

naquela noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

Porque o adjetivo adverbial indicam tempo.



ALUNO 8

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 28 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís

Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

*O marido deseja estar no campo, mas ele deveria ir ao fanto*

b) Que solução você daria ao conflito?

*De contar a verdade que está muito cansado  
de ir ao fanto*

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

*João chegou em casa apressado e disse para sua  
mulher, Maria, que queria tomar um banho,  
e ir direto para o fanto.*

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

*Não*

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

## ALUNO 8

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

a um hospital, na cama, ao lado do telefone

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

pelas expressões espaciais

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

Está na cama ao lado do telefone

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

- Nem se corou - contou Maria, pensando rapidamente.
- O filho deu um piscar de olhos, chamou um médico e não conseguiu. Suspeitou que ia a uma UPA.
- O quê? Então é grave!
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João,



ALUNO 8

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9<sup>o</sup>

TURMA: 302

DATA: 30 / 01 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Maria e Luiza

b) Como você conseguiu identificá-los?

pelos diálogos

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.

**ALUNO 8**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.
- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.
- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."
- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.
- Não vão saber que hospital é.
- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
tinha	estou	perdoará
entreolharam	achou	telefonarão
ditou	podemos	iam
deu	sei	
disse	botou	
decidiram	é	
acreditou	não	
perdoaram	não	
piorou	não	

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)  
Casa de João e Maria



ALUNO 8

b) "[...] Estamos **aqui**." (linha 71)No hospitalc) "[...] vocês não precisam vir para **cá**." (linha 63)no hospitald) "É por isso que vêm para **cá**." (linha 41)No apartamentoe) - Bota **aí**: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo." (linha 44)o bilhete preso na portaf) "— Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu". (linha 20)No casog) "— Exato. Iremos para **lá** e esperamos o telefonema deles." (linha 52)No escritório

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.Marginalmente

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

descrição adverbial indicam tempo

ALUNO 9

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9<sup>o</sup>

TURMA: 902

DATA: 28 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

*O personagem sempre está no campo, desde ele nasceu até agora.*

b) Que solução você daria ao conflito?

*Que ele abandone os amigos para ficar no campo sempre, sem voltar dele, ter que sair.*

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

*Ele vai ficar no campo dos amigos e despende no trabalho dos amigos lá no campo e ele entende com.*

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

*Sim, já aconteceu para eu não ir e eu queria ir lá no fim que eu estava com os amigos.*

2 – Releia este fragmento da crônica *A mentira*:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.



## ALUNO 9

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

*No hospital, ao lado do telefone, cama*

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

*Pela expressão do texto*

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

*ambiente de hospital para um adulto*

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente. Faça as alterações necessárias.

- ~~Deus? Então é grave.~~
- ~~A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.~~
- ~~Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.~~
- ~~Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.~~

ALUNO 9

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9ºTURMA: 902DATA: 30 / 11 /2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte**

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 4 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 3 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

Vi no texto

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



## ALUNO 9

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

## ACONTECIMENTOS

PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
Tinha	Entreolharam	Podiam
deu	Podiam	iriam
Disse	Podiam	vêm
acreditou	Estou	Bota
Disse	achou	São
telefonaram	É	vão
ditou	achou	

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram **aqui**?" (linha 21)

Entreolharam

ALUNO 9

b) “[...] Estamos **aqui**.” (linha 71)No hospitalc) “[...] vocês não precisam vir para **cá**.” (linha 63)No hospitald) “É por isso que vêm para **cá**.” (linha 41)No casae) - Bota **aí**: “João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo.” (linha 44)No clinica particularf) “- Nós estivemos **aí** há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu”. (linha 20)No apartamentog) “- Exato. Iremos para **lá** e esperaremos o telefonema deles.” (linha 52)Escutaria

5 – Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.No primeiro noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

O momento trabalhou o dia inteiro e depois que ele chegou a história começou



ALUNO 10

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 28 / 11 / 2017

**Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 1ª parte**

1 – O conflito é gerado a partir de uma relação oposta entre o lugar onde a personagem deseja estar e o lugar onde ela deveria estar.

a) Quais expressões marcam essa oposição?

O marido culpava este na cama, mas deveria ir ao pronto.

b) Que solução você daria ao conflito?

A solução para todo conflito era apenas eu contar a verdade e remarcar o pronto para outro dia.

c) Reescreva o parágrafo, de forma que, ao preservar uma das expressões que marcam essa oposição, você apresente uma solução para o conflito gerado.

Maria telefonou para Luíza e disse que João culpava em casa muito tarde e que ela achava melhor que remarcar o pronto para o dia seguinte. Luíza disse que era uma pena, mas mas tudo bem.

d) Você já passou por uma situação semelhante a expressa no conflito? Se sua resposta for positiva, fale sobre ela.

nao

2 – Releia este fragmento da crônica **A mentira**:

– Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

## ALUNO 10

- O quê? Então é grave.
- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.
- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.
- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.
- Meu Deus. Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?
- Já. O médico disse que nunca tinha visto coisa igual.
- Como é que ele está agora?
- Melhor. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.
- Vamos já para aí!

a) Que expressões indicam a localização espacial das personagens?

Hospital, ao lado do telefone, na cama e no

b) Como você chegou à resposta da questão anterior?

Procurei palavras-chave

c) Caracterize o ambiente de acordo com essas expressões que indicam a localização espacial.

O ambiente aparenta ser hospitalar e a cama deve ser ao lado do telefone.

d) Reescreva esse parágrafo, alterando essas expressões por outras de sentido equivalente.

Faça as alterações necessárias.

- Um febril - contou Maria, apressada rapidamente - O João deu uma pitada, tentei chamar um médico e não consegui. Tinha que ir a uma emergência.

- O quê? Então é grave.

- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.



ALUNO 10

CIEP 032 – CORA CORALINA

ESTUDANTE: [REDACTED]

ANO: 9º

TURMA: 902

DATA: 30 / 11 / 2017

Atividade de identificação dos elementos dêiticos na crônica *A Mentira*, de Luís Fernando Veríssimo - 2ª parte

1 – Na crônica **A Mentira**, verifica-se que há quatro locutores: o narrador, João (o marido), Maria (a esposa) e Luiza (a amiga). De acordo com o código, indique quem é o locutor dos trechos:

- ( 1 ) Narrador
- ( 2 ) João
- ( 3 ) Maria
- ( 4 ) Luiza

“– Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.” (linha 30) ( 3 )

“– Não vão saber que hospital é.” (linha 46) ( 2 )

“– O quê? Então é grave.” (linha 26) ( 4 )

“Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.” (linha 12) ( 1 )

2 – O discurso direto evidencia os interlocutores. Releia o fragmento abaixo:

– Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.  
– Vocês estiveram aqui?

a) No fragmento destacado, quem são os interlocutores?

Luiza e Maria

b) Como você conseguiu identificá-los?

Pelo contexto, porque uma frase antes fala que Maria chamou Luiza

3 – Entre os elementos dêiticos mais recorrentes estão os tempos verbais, que situam os acontecimentos no tempo, caracterizando-os como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento em que ocorre a fala. Observe o trecho destacado e separe os acontecimentos passados, presentes e futuros em três colunas.



**ALUNO 10**

Mas Luíza já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luíza. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.
- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vêm para cá. A Luíza não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.
- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo."
- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.
- Não vão saber que hospital é.
- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luíza nunca nos perdoará a Blanquette de Veau perdida.

ACONTECIMENTOS		
PASSADOS	PRESENTES	FUTUROS
Tinha	estou	Telefonarão
entreolharam	acho	perdoará
Podemos	Acho	
deu	vêm	
podiam	vão	
iam	é	
acreditou	são	
decidiram	vão	
ditou	sei	
piorou		

4 – Os advérbios com valor locativo (= de lugar) - aqui, ali, aí, cá, lá – integram a dêixis espacial. Nos trechos destacados, indique a localização espacial dos indivíduos ou objetos, tendo como ponto de referência o lugar em que acontece a enunciação.

a) – Vocês estiveram aqui?" (linha 21)  
lona de Maria e João

ALUNO 10

b) "[...] Estamos aqui." (linha 71)

no Hospital

c) "[...] vocês não precisam vir para cá." (linha 63)

na casa

d) "É por isso que vêm para cá." (linha 41)

no Hospital

e) - Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo." (linha 44)

na balcão preso na porta

f) "- Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu". (linha 20)

na casa

g) "- Exato. Iremos para lá e esperaremos o telefonema deles." (linha 52)

Escritório

5 - Os elementos dêiticos são palavras ou expressões que remetem para a situação na qual o texto é produzido, ou seja, possibilitam situar o enunciado em relação aos sujeitos, a um tempo, a um espaço e às circunstâncias de comunicação.

a) Na crônica **A Mentira**, que expressão marca o tempo inicial da narrativa.naquela noite

b) Por que você considera que essa expressão marca o tempo inicial da narrativa?

porque o Marcelo trabalhou o dia inteiro e assim que chegou em casa disse que não iria ao jantar e assim deu começo o conflito